

Platão

Fedro

Prólogo

SÓCRATES: - Meu caro Fedro! Para onde vais e de onde vens?

FEDRO: - Venho, caro Sócrates, da casa de Lísias, o filho de Céfalo. Vou dar um passeio além dos muros da capital. Estive lá sentado durante muitas horas, desde a madrugada. Obedecendo à prescrição do nosso amigo Acumeno, costumo passear fora dos muros, pois diz ele que tais passeios são deveras salutares.

SÓCRATES: - Acumeno tem razão, meu caro. Mas, pelo que me dizes, Lísias se encontra na capital.

FEDRO: - Sim, está em casa de Epícrates, que mora no edifício de Mórico, próximo ao templo do Olimpo.

SÓCRATES: - Qual foi o assunto de vossa conversa? Porventura Lísias vos terá banqueteadado com os seus discursos?

FEDRO: - Eu te contarei, se tiveres tempo para me acompanhar.

SÓCRATES: - Por certo! Não te parece que eu, como diz Píndaro, seja homem para sacrificar a qualquer outra coisa o cuidado de ouvir-te narrar a conversa que tiveste com Lísias?

FEDRO: - A caminho, então!

SÓCRATES: - Fala.

FEDRO: Acharás muito interessante o que vou dizer, Sócrates, pois é assunto da tua predileção. Falávamos sobre o amor, e não sei como se originou tal palestra. Acontece que Lísias escreveu um discurso semelhante aos que se dirigem a um rapaz bonito. Não tinha, todavia, a forma de uma carta de amante. É justamente isso que o discurso tem de mais notável, pois Lísias sustenta que antes se devem prestar favores a quem não ama do que a um apaixonado.

SÓCRATES: - Que homem perspicaz! Ele devia ter escrito que é melhor ser complacente com o pobre do que com o rico, com os mais velhos do que com os mais moços, e de modo geral com todos aqueles que padecem de misérias semelhantes às minhas e às de muitos outros como eu. Isso seria um digno trabalho para um moço devotado aos interesses populares. Mas estou tão ansioso para ouvir esse discurso, que te acompanharia ainda que fosses até Mégara e, seguindo o exemplo de Heródico, voltasses depois de alcançar o muro.

FEDRO: - Qual é a tua opinião, caríssimo Sócrates? Achas que eu, um ignorante, posso repetir condignamente o que Lísias, o maior escritor da nossa época, trabalhando com calma, levou tanto tempo a redigir? Oxalá que assim fosse. Isso seria para mim mais do que ganhar uma grande fortuna.

SÓCRATES: - Meu bom Fedro, se eu pudesse enganar-me a respeito de Fedro seria também capaz de esquecer de mim mesmo. Mas nada disso sucede. Tenho certeza de que esse Fedro não ouviu apenas uma vez o discurso de Lísias. Ele lhe pediu que o repetisse várias vezes, e Lísias acedeu ao seu desejo. Isso, porém, ainda não era suficiente: ele apanhou o manuscrito e leu as partes que achava mais interessantes. Passou toda a madrugada ocupado nele, e quando se cansou de ficar sentado saiu para dar um passeio. Pelo cão! Acredito que ele sabe de cor o discurso, se este não for demasiadamente longo. Além disso, ele se dirige para fora dos muros a fim de gravá-lo bem na memória. E, encontrando um homem ávido de discursos, alegrou-se de vê-lo e de ter junto de si quem participasse do seu entusiasmo coribântico. Por isso o convidou para acompanhá-lo. Quando, porém, o amigo de discursos lhe pediu que recitasse o de Lísias, ele resistiu e fingiu pouca disposição para falar, mas acabaria recitando-o ainda

que ninguém o quisesse escutar, mesmo que fosse fazendo violência aos ouvintes. Pedelhe, pois, caro Fedro, que faça de uma vez o que de qualquer modo acabará por fazer.

FEDRO: - Será preferível, na verdade, que eu recite o discurso como melhor puder, pois creio que não me deixarás em paz enquanto eu não o recitar, sendo-te indiferente que o faça bem ou mal.

SÓCRATES: - Tens toda a razão.

FEDRO: - Então farei como já te disse. Realmente, caro Sócrates, não me esforcei por decorar o discurso. Exporei, entretanto, com a exatidão que puder, todas aquelas coisas pelas quais, conforme diz Lísias, o apaixonado se distingue do que não ama. Explicarei tudo ordenadamente, começando pelo princípio.

SÓCRATES: - Antes, porém meu amiguinho, mostra-me o que tens na mão esquerda, debaixo do teu manto! Suspeito que seja o próprio discurso. Caso eu tenha acertado, convence-te disto: tu és meu grande amigo, mas, estando o próprio Lísias desse modo presente, estou decidido a não te permitir uma simples repetição do discurso. Bem, deixa lá ver isso...

FEDRO: - Cala-te, caro Sócrates! Puseste por terra a minha esperança de fazer uma experiência de memória contigo. Onde queres que nos sentemos para ler?

SÓCRATES: - Afastemo-nos aqui da estrada e caminhemos ao longo do Ilisso. Mais adiante poderemos sentar-nos à vontade e estaremos sossegados.

FEDRO: - Ao que parece, escolhi uma boa ocasião para andar sem sandálias. Quanto a ti, Sócrates, andas sempre descalço. É bem agradável banhar os pés e caminhar pela margem deste riacho, e mais agradável ainda nesta estação e nesta hora do dia.

SÓCRATES: - Então avante! Procura um lugar onde nos possamos sentar.

FEDRO: - Vês aquele altíssimo plátano?

SÓCRATES: - Como não!

FEDRO: - Ali há sombra, relva, e sopra um pouco de brisa. Debaixo dele podemos nos sentar, e até, se quiseres, deitar-nos.

SÓCRATES: - Vamos para lá.

FEDRO: - Dize-me uma coisa, caro Sócrates, não afirma o povo que de um desses lugares, à margem do Ilisso, Bóreas raptou Orítia? Ou foi na colina de Ares? A lenda, com efeito, admite que foi no Ares e não aqui que Orítia foi raptada.

SÓCRATES: - Com efeito.

FEDRO: - Quem sabe se não foi aqui mesmo onde estamos? É bonito este trecho do regato; a água aqui é pura e transparente; este lugar bem se presta aos folguedos dos jovens.

SÓCRATES: - Não foi aqui, mas cerca de três ou quatro estádios mais abaixo, onde atravessamos o regato em direção ao templo de Agra. Há naquele ponto um altar a Bóreas.

FEDRO: - Não prestei muita atenção. Mas por Zeus, caro Sócrates. Dize-me uma coisa: acreditas que esse mito corresponda à verdade?

SÓCRATES: - Se eu fosse, como os homens doutos, um incrédulo, não seria um homem extravagante, um desses sujeitos que procuram os atalhos ainda não batidos, Se fosse da opinião deles diria, fazendo deduções muito douradas, o seguinte: o sopro de Bóreas arremessou-a nas rochas que existem perto daqui, quando ela brincava com Farmaceia; em consequência disso Orítia morreu, e o povo contou que ela fora raptada por Bóreas. (Ou talvez isso se tenha passado no Areópago, pois também se diz que ela dali teria sido raptada, e não daqui). Eu, caro Fedro, acho tudo isso muito bonito, mas é trabalho para um homem de grande inteligência, a quem o esforço não intimida, e aí não encontramos a felicidade. Além disso, seria necessário interpretar, a seguir, a figura dos Hipocentauros, a da Quimera, e finalmente uma multidão de Górgonas e de Pégasos, um

número pasmoso de outras criaturas inexplicáveis e lendárias. Se, por incredulidade, se procura dar verossimilhança a esses seres, usando para isso de uma curiosa e grosseira sabedoria, perde-se nisso o tempo, e não podemos apreciar a vida como convém. O meu lazer, não o destino a essas explicações, e eis aí a razão da minha atitude.

Ainda não cheguei a ser capaz, como recomenda a inscrição délfica, de conhecer a mim próprio. Parece-me ridículo, pois, não possuindo eu ainda esse conhecimento, que me ponha a examinar coisas que não me dizem respeito. Não me interessam essas fábulas e conformo-me, nesse sentido, com a tradição. Não são as fábulas, que investigo: é a mim mesmo. Talvez eu seja um animal muito mais extravagante e cheio de orgulho que Tífon; ou, porventura, um animal mais pacífico e menos complicado, cuja natureza talvez participe de um misterioso e divino destino, mas que não se enche com os fumos do orgulho... Mas, caro amigo, não será esta a árvore para a qual me conduzas?

FEDRO: - Esta mesmo.

SÓCRATES: - Por Hera, que é um bonito lugar! Este plátano estende muito os seus ramos e é bem alto, e também este agnocasto tem uma bela altura e lança magnífica sombra. Além disso, está todo em flor e espalha por aqui um cheiro delicioso. Sob a ramagem do plátano corre uma bonita fonte de água fresca, como a estou a sentir nos pés. A julgar pelas estátuas e oblações, parece ser um lugar consagrado a Aqueloo e às Ninfas. A brisa aqui é suave, e o coro das cigarras ressoa lá no alto, tal como na primavera. O mais belo, porém, é a relva, bastante densa para oferecer à cabeça um confortável travesseiro com o seu brando declive. És um excelente guia, caro Fedro!

FEDRO: - Tu, porém ó homem excêntrico, és o homem mais extraordinário que já se viu. Com tuas palavras, dás a impressão de ser um estrangeiro que necessita de um guia, e não um cidadão da capital. Pouco sais da cidade e parece que nunca vais para fora dos muros.

SÓCRATES: - Perdão, meu ótimo amigo! Eu desejo aprender. Regiões e árvores, entretanto, nada me podem ensinar, somente os homens da capital ensinam-me. Mas tu pareces ter encontrado o meio de me levar para fora. Assim como se conduz uma rês faminta mostrando-lhe um ramo ou um fruto, também a mim, se me acenares com um discurso ou um manuscrito, poderás levar-me por toda a Ática ou para qualquer lugar aonde me queiras arrastar. Neste momento, porém, já que aqui viemos, prefiro deitar-me. Quanto a ti, escolhe a posição que achares melhor para a tua leitura, e começa!

FEDRO: - Então escuta.

O discurso de Lísias sobre o amor

“Conheces os meus sentimentos, e como já me ouviste dizer, acredito que nos será proveitosa a realização deste desejo. Confio em que meu pedido não será feito em vão, pois não sou teu amante. Os amantes, de fato, ao saciarem a sua concupiscência arrependem-se das vantagens que ofereceram, ao passo que, para os que não amam, nunca chega o momento em que teriam motivos para o arrependimento. Não foi a força da paixão que os impeliu a fazer o bem, não por necessidade mas voluntariamente, e o fazem com toda a energia, julgando assim servir também aos seus próprios interesses. Os amantes apaixonados levam em conta aquilo que, por causa do amor, os levou a descuidarem de seus negócios; computam os serviços que prestaram, os esforços que envidaram, e assim acreditam ter mostrado aos amados a devida gratidão. Os que não estão sujeitos à paixão não alegam o desleixo dos negócios, nem os esforços despendidos, nem as dissensões para serem agradáveis com os seus amantes. Os apaixonados afirmam ser os melhores amigos daqueles a quem amam e estar prontos

para suportar injúrias e sevícias alheias no empenho de lhes prestarem favores; mas facilmente se percebe até que ponto tais protestos são verídicos e até que ponto tais homens devem ser estimados. Quando, mais tarde, se apaixonam por outro, preferem-no ao antigo amado, e é claro que, se aquele o desejar, até se disporão a agir em prejuízo deste. Mas convirá conceder favores tão preciosos a quem padece de tão enorme defeito do qual ninguém poderá libertá-lo? Os próprios amantes confessam que têm doente o espírito e que já não possuem bom senso; dizem ter consciência da sua insensatez mas que são, a um tempo, incapazes de dominar-se. Como poderão tais homens, se chegarem a refletir com sensatez, considerar como um bem o que desejavam nesse estado de delírio? Se tu quisesses escolher o melhor entre teus apaixonados, só muito poucos terias à tua disposição; se quisesses, porém escolher entre os outros o que mais te agrada, poderias optar entre muitos. Por isso há muito mais esperança de que, justamente entre esses muitos, se encontre alguém que seja digno de tua amizade.

É possível que temas a opinião pública se receias que, sabendo disso, o povo fale mal de ti. Lembra-te de que os apaixonados julgam que todos os invejam, assim como eles têm inveja uns dos outros; são por isso orgulhosos e contam a todos que os seus esforços não foram vãos. Aqueles a quem a paixão não cega, preferem, porém, o bem da união amorosa à fama que a mesma pode ter perante esses homens. Além disso, toda gente pode reconhecer o amante reparando na maneira pela qual segue o amado, a maneira pela qual o persegue e se esforça para possuí-lo. Quando os vemos a conversar, podemos saber se já deram ou se estão prestes a dar satisfação aos seus desejos.

Os que não estão apaixonados podem viver com grande familiaridade sem que ninguém os incrimine por isso. Terás mais algum motivo de receio? Por acaso pensas que as amizades duram pouco e que, quando há uma separação, a perda seja comum, e que é uma desgraça para ambos? Consideras agradável, na vida, arcar sozinho com o prejuízo? Esse medo tem mais razão de ser quando se trata de indivíduos que se amam, pois eles são muito suscetíveis e julgam sempre que os outros estão mancomunados para prejudicá-los. Por isso não consentem que os seus amados convivam com outras pessoas. Os ricos temem que outros os superem, pelo dinheiro, na afeição; os instruídos receiam que outras pessoas, de conhecimentos mais amplos, os suplantem e causem melhor impressão que eles. Em suma, têm ciúmes do poder que os outros possam ter. Podem chegar ao ponto de te obrigar a romper com todos. Não terás, então, um único amigo. Se cuidares dos teus interesses, procurando aquilo que te é mais proveitoso, acabarás brigando com o indivíduo que amas, e viverás em contínuas disputas com ele. Aquele que não é apaixonado, mas que consegue o que deseja, graças às suas qualidades, não sentirá inveja dos que cercam o amado; pelo contrário, odeia os que não querem ter convivência com ele, supondo que o desprezam, persuadido de que este pode ter proveito com o convívio dos bons amigos. Como vês, com eles tens mais esperanças de arranjar amigos do que inimigos. Ademais, a concupiscência de muitos amantes tem por alvo preferido muito mais a beleza do corpo do que o caráter e as condições pessoais. Em consequência disto, é sempre duvidoso que eles, uma vez satisfeito o desejo, estejam dispostos a continuar essa amizade, desde que desapareça o desejo. Aqueles a quem o amor não perturba, já antes haviam iniciado uma mútua amizade; não é provável, pois, que nesses a amizade diminua ou desapareça logo que o desejo se satisfaz. Ao contrário, na mútua amizade encontrarão outros motivos e garantias para novos favores.

Queres te tornar cada vez mais virtuoso? Confia em ti e não na pessoa que te ama, pois o que ama louvará sempre as tuas palavras e teus atos sem se preocupar com a verdade e com o bem, de medo de te perder ou pela simples cegueira que é própria da paixão. São estas as ilusões do amor. O amor infeliz aflige-se com aquilo que a ninguém

incomoda; o amor feliz acha que tudo é encanto, as menores e mais insignificantes coisas. O amor é mais digno de piedade do que de inveja. Se cederes aos meus desejos, não me verás à procura, na tua intimidade, de um simples prazer efêmero. Hei de estar vigilante a que nos liguem interesses duráveis, pois que, liberto do amor, sou capaz de me dominar. Sem me deixar levar por motivos fúteis a ódios furiosos, não me aborrecerei por causa de faltas insignificantes, mas só diante de erros graves me irritarei contigo. Perdoarei o que fizeres sem intenção e tentarei impedir as más ações. São estes os sinais de uma amizade duradoura.

Talvez creias que uma amizade sem amor seja fraca e sem vida. Nesse caso, considera que, se assim fosse, seríamos indiferentes para os nossos filhos e para com os nossos pais, nem poderíamos ter amigos que se ligassem a nós, pois não é na paixão que as amizades se originam, mas em outros motivos. Ademais, se é conveniente dispensar favores aos que pedem, pela mesma consideração deverás ser generoso não com os mais ricos, mas com os mais pobres; porque estes, libertos dos maiores males, serão também os mais gratos. Quando estás comendo em tua casa, é preferível que não convides os amigos, mas sim mendigos e famintos, pois esses amarão o seu benfeitor e o acompanharão, reunindo-se muitas vezes diante da sua porta, e se mostrarão contentes, manifestando grande gratidão e orando aos deuses para que lhe concedam muitos bens. Não. O que convém, por certo, não é prestar favores aos que pedem com veemência, mas aos que são capazes de mostrar mais gratidão, não aos que se contentam em te amar, mas aos que são dignos de teus favores; não aos que gozam a flor da tua mocidade, mas aos que, depois, quando fores mais velho, compartilharão contigo os seus bens; não aos que, após haverem conseguido o que desejavam, vão gabar-se disso diante dos outros, mas aos que têm vergonha e nada referem; não aos que se esforçam para conquistar-te por pouco tempo, mas aos que durante a vida inteira permanecerão teus amigos; não aos que depois de haverem satisfeito os seus desejos procuram um pretexto para te odiar; mas aos que, tendo visto passar os prazeres da juventude, te acompanharem sempre com a sua estima. Lembra-te de tudo isso que te disse e ainda de mais uma coisa: os apaixonados são frequentemente expostos aos severos conselhos dos amigos que criticam a paixão, mas nunca se acusou de imprudente a um indivíduo que não se apaixona. Tu podes perguntar se te aconselho a que concedas os teus favores a todos aqueles que não são teus amantes. Eu responderei que um homem que ama não te aconselhará isso, pois que favores tão pródigos não teriam direito ao reconhecimento e, se quisesses esconder as tuas ligações, tu não o poderias fazer. É mister que o nosso convívio, em lugar de nos prejudicar, nos seja, ao contrário, útil.

Creio que disse o suficiente. Se te parecer, entretanto, que omiti alguma coisa, pergunta!”

Que achas deste discurso, Sócrates? Não é ele belíssimo, tanto no conteúdo como na expressão?

SÓCRATES: - Caro amigo, o discurso me pareceu excelente, e deixou-me entusiasmado. E se me fez tal impressão, meu querido Fedro, foi por tua causa: eu te olhava, e durante a leitura tu parecias iluminado pelo discurso. Convenci-me de que nessas coisas, és mais competente do que eu. Segui o teu exemplo e deixei-me tomar pelo teu entusiasmo. Divina cabeça!

FEDRO: - Está bem! Achas que deves galhofar assim comigo?

SÓCRATES: - Galhofar? Acaso não falo sério?

FEDRO: - Não, caro Sócrates! Mas por Zeus, o protetor da amizade, peço-te que digas a verdade: julgas que qualquer outro grego seria capaz de falar com tanta elevação e abundância sobre o assunto?

Crítica de Sócrates

SÓCRATES: - Como? Será preciso que o discurso seja elogiado por mim e por ti? Temos de afirmar também que seu autor disse tudo que era necessário, que cada expressão é clara, bem elaborada e compreensível? Seja, farei isso por amizade para contigo, se bem que eu, na minha incompetência, não tenha notado tal coisa. Só prestei atenção às qualidades retóricas, e creio que, visto desse aspecto, o discurso nem sequer ao próprio Lísias agradaria. Se me permites, caro Fedro, direi que ele me parece ter repetido a mesma coisa duas ou três vezes, como fazem as pessoas que não têm muito assunto; ou talvez essa matéria não se ajuste às suas capacidades. Para mim, é evidente que ele procedeu como um jovem pedante, querendo mostrar que era capaz de exprimir a mesma coisa de diversos modos e usando sempre os melhores termos retóricos.

FEDRO: - Estás enganado, caro Sócrates. O discurso se distingue precisamente pelo fato de não ter omitido nada do que se podia dizer sobre esse tema. Ninguém é capaz de falar mais ou melhor sobre tal assunto.

SÓCRATES: - Não posso concordar contigo neste ponto. Homens e mulheres sábios de outrora, que sobre isso falaram e escreveram, discordariam se, por gentileza, eu te desse razão.

FEDRO: - Quem são eles? Onde ouviste coisa melhor do que este discurso?

SÓCRATES: - De momento não posso dizê-lo com exatidão. Só uma coisa é clara: é que ouvi isso de alguém - talvez da bela Safo, do sábio Anacreonte ou de outro escritor qualquer. Sabes o que me leva a essa suposição? É o meu coração, caríssimo; sinto que ouvi outra coisa não inferior ao discurso que leste. Bem sei que eu próprio não a inventei, pois conheço a minha ignorância. Uma coisa me resta, entretanto: como um vaso, deixo-me encher pelos pensamentos alheios que entram em mim pelo ouvido. Mas sou tão negligente que esqueci por completo como e de quem ouvi isso. Uma inveterada preguiça de espírito impede-me de me lembrar em que condições e de que pessoas ouvi essas coisas.

FEDRO: - Meu nobilíssimo amigo! O que disseste é extraordinário. Não me digas onde nem de quem o ouviste, ainda que eu o exija. Mas faze o que prometeste: pronuncia um discurso melhor do que esse e tão longo como ele! Prometo, como os nove arcontes, erigir em Delfos uma estátua de ouro em tamanho natural, não somente de mim mas também de ti.

SÓCRATES: - Caro Fedro! És um homem encantador e verdadeiramente de ouro. Segundo julgas, eu teria dito que Lísias errou do princípio ao fim e que em todos os pontos se pode afirmar o contrário. Não. Isso não aconteceria nem mesmo, creio, com o mais medíocre dos escritores. Por exemplo, desde que se trata de favorecer o amigo que não se apaixonou, de preferência ao apaixonado, se tu impedes que se louve a prudência de um e se impedes que se condene o delírio de outro - se me impedes que fale desses motivos principais -, que ficará para dizer? É mister aceitar esses lugares comuns próprios do orador, e mesmo permiti-los. O que ele fez foi substituir a pobreza da invenção pela arte da composição.

Só quando se trata de questões menos importantes - e por isso mesmo mais difíceis -, é que ao mérito da disposição do discurso se acrescentará o da invenção.

FEDRO: - Admito isso. Parece-me que disseste a verdade. Vou fazer agora o mesmo: concedo-te que o apaixonado seja mais exacerbado do que aquele que não ama. Mas fala agora melhor do que Lísias sobre os outros pontos da tese! Se o fizeres, colocarei tua estátua em Olímpia, ao lado das oferendas dos Cipséidas.

SÓCRATES: - Ficaste agastado, caro Fedro, porque caçoei contigo atacando o homem a quem adoras. Acreditas realmente que eu me atreverei a competir em sabedoria com esse homem?

FEDRO: - Quanto a isso, caro amigo, estás numa situação semelhante à minha, de há pouco. Tens de falar como melhor puderes. Mas tome cuidado para não imitar o feio costume dos autores de comédias, cujas personagens estão sempre devolvendo uma à outra as mesmas palavras! Não me obrigues a dizer: “se eu pudesse enganar-me a respeito de Sócrates, também seria capaz de me esquecer” e “ele tem vontade de falar, mas finge não querer”! Lembra-te que não sairemos daqui enquanto não tiveres exprimido aquilo de que, segundo disseste, o teu coração está cheio! Estamos sós, num lugar ermo e afastado dos homens, e eu sou o mais forte e o mais moço. Reflete no que te digo! Não me obrigues à violência! Fala! Faze-o voluntariamente, se não preferes falar à força!

SÓCRATES: - Meu bem-aventurado Fedro! Eu me tornaria ridículo se, ignorante como sou, falasse sem estar preparado, concorrendo com um autor tão perfeito!

FEDRO: - Sabes de uma coisa? Deixa de melindres. Não demora que eu diga uma coisa com que te obrigarei a falar.

SÓCRATES: - Não precisas pronunciar-la.

FEDRO: - Direi, sim. Minha declaração, porém, terá a forma de um juramento. Juro-te... mas por qual dos deuses?

Queres que jure por este plátano? Pois bem, se não fizeres o teu discurso perante esta árvore, nunca mais te mostrarei nem te repetirei discurso algum.

SÓCRATES: - Ó homem sagaz! Com que astúcia soubeste encontrar um meio de obrigar a fazer o que exiges a um homem que é apaixonado por discursos!

FEDRO: - Então por que ainda hesitas?

SÓCRATES: - Depois do juramento que fizeste, não me esquivarei mais. Como poderia eu renunciar a tais alegrias?

FEDRO: - Então fala.

SÓCRATES: - Sabes o que farei?

FEDRO: - O quê?

SÓCRATES: - Falarei com a cabeça encoberta. Quero terminar o discurso o mais depressa possível e não me envergonhar olhando para ti.

FEDRO: - Mas fala! Quanto ao resto, podes fazer o que quiseres.

O primeiro discurso de Sócrates

SÓCRATES: - A vós invoco, Musas! Pouco importa que vos chameis “sonoras” por causa da doçura do vosso canto ou que esse epíteto vos venha do musical povo dos lígios! Auxiliai-me no discurso que este ótimo homem me obriga a fazer, para que seu amigo, que já antes se lhe afigurava sábio, seja considerado mais sábio ainda!

Pois bem: houve outrora um rapaz belíssimo, ou melhor, houve um mancebo que tinha grande número de adoradores. Um destes era muito esperto. Ele, que realmente amava o rapaz como todos os outros, convenceu-o de que não o amava. Ao tentar conquistá-lo, esforçou-se por persuadi-lo de que antes se devem conceder favores ao que não ama do que ao apaixonado. Um dia dirigiu-lhe o seguinte discurso: em todas as coisas, meu rapaz, para que se tome uma resolução sábia é mister saber sobre o que se delibera, pois, de outro modo, certamente nos enganamos. A maioria dos homens não nota, entretanto, que ignora a essência das coisas. Isso porém não os impede de acreditar erroneamente que a conhecem; segue-se daí que no começo de uma pesquisa não definem as suas opiniões, acontecendo depois o que era esperado: tais pessoas não

concordam consigo mesmas, nem umas com as outras. Evitemos, pois, esse defeito que censuramos nos outros. Como se trata de saber se é melhor ter amizade com alguém que ama do que com alguém que não ama, começaremos assim estabelecendo uma definição do amor, da sua natureza e dos efeitos, definição que deverá satisfazer a opinião de nós ambos; havemos de nos referir sempre a esses princípios, e, reduzindo desse modo toda a discussão, examinaremos se o amor traz vantagens ou prejuízos.

É evidente que o amor é desejo. Sabemos, porém, que os que não amam também desejam os objetos que são belos. Como, pois, distinguiremos entre o que ama e o que não ama? Devemos, além disso, examinar o seguinte: em cada um de nós há dois princípios que nos governa e conduzem, e nós os seguimos para onde nos levam: um é o desejo inato do prazer, outro a opinião que pretende obter o que é melhor. Essas duas tendências que existem dentro de nós concordam por vezes, em outras entram em conflito, por vezes vence uma e por vezes a outra. Ora, quando a tendência que se inspira na razão é a que vence, conduzindo-nos ao que é melhor, chama-se a isso temperança; quando, pelo contrário, o desejo nos arrasta sem deliberação para os prazeres, e é ele que predomina em nós, isso se chama intemperança. A palavra intemperança, contudo, tem vários sentidos, é compreendida de muitas maneiras, e o sentido que se tornou característico faz com que o homem que possui essa tendência receba o nome correspondente, e não é belo nem honorífico recebê-lo. O desejo que se relaciona com o comer e que, como os outros desejos, suplanta a noção do que é melhor, chama-se “glotoneria”. Ela confere àquele que a possui, o nome correspondente de “glutão”. Quando é o desejo da bebida que exerce a sua tirania, sabe-se qual o nome vergonhoso que se dá àqueles que se abandonam à bebida. Enfim, o mesmo acontece com todos os outros desejos dessa família. Já se torna quase manifesto a que espécie de desejo foi dedicada a exposição que antecedeu. Entretanto, creio que devo explicar-me mais claramente. Quando o desejo, que não é dirigido pela razão, esmaga em nossa alma o desejo do bem e se dirige exclusivamente para o prazer que a beleza promete, e quando ele se lança, com toda a força que os desejos intemperantes possuem, o seu poder é irresistível. Esta força todo-poderosa, irresistível, chama-se Eros ou Amor. Mas, meu caro Fedro, não te parece que eu estou falando sob uma inspiração divina?

FEDRO: - Sim, caro Sócrates, uma eloquência desacostumada se assenhoreou de ti.

SÓCRATES: - Então ouve em silêncio! Na verdade, este lugar parece ser divino. Não deves admirar-te se durante o discurso as ninfas tomarem posse de mim, pois o que estou dizendo já se assemelha muito a um ditirambo.

FEDRO: - Tens toda a razão.

SÓCRATES: - E a culpa é tua. Ouve agora o resto, pois pode ser que a inspiração se acabe! Isso, porém, deixemos ao arbítrio da divindade. Voltemos ao discurso dirigido ao rapaz.

Muito bem, meu amigo! Já ficou bem explicado o tema da nossa discussão. Já definimos a sua natureza. Vamos adiante e, sem perder de vista os nossos princípios, examinemos as vantagens e os inconvenientes que advirão provavelmente a alguém que concede favores a quem ama e a quem não ama.

Naturalmente, um homem governado pelo desejo e escravo da volúpia procurará no seu amado o máximo do prazer. Ora, o apaixonado gosta de tudo o que não lhe opõe resistência e odeia tudo o que lhe é superior ou igual. Por isso, o amante verá com impaciência um superior ou um igual no seu amado e fará tudo para que lhe seja inferior e menos perfeito. Ora, o ignorante é inferior ao sábio, o covarde ao corajoso, o incapaz de falar ao orador, o tolo ao inteligente. Quando semelhantes deficiências se instalam no espírito do amado, ou quando lhe são próprias por natureza, o amante necessariamente se alegrara e procurará acentuar tais defeitos, pois do contrário correrá o risco de perder

seus prazeres momentâneos. É forçoso que o amante apaixonado inveje o amado, impedindo-lhe muitas convivências úteis que poderiam fazer dele um bom homem, e causando-lhe assim um grande prejuízo. O maior prejuízo, porém, que o apaixonado acarreta ao objeto do seu amor é privá-lo daquilo que daria pleno desenvolvimento à sua inteligência, isto é, a divina filosofia, da qual o amante necessariamente afasta o amado. Ele tem medo de ser desprezado pelo rapaz, e é claro que fará tudo quanto puder para que este se torne um perfeito ignorante e em tudo se oriente pelo pensar dele, amante. Essa situação do amado é, para o amante, agradável, mas nociva para o próprio rapaz. Portanto, do ponto de vista espiritual o amante apaixonado nem é bom tutor nem um companheiro útil.

Passemos agora ao corpo, à sua compleição e aos cuidados que se devem ter com ele. Qual é essa compleição? Que cuidados dará a ele ao corpo daquele de quem é senhor?

Observaremos que o apaixonado vai procurar um efeminado e não um forte; que deseja possuir um homem que não tenha crescido à luz do sol mas ao abrigo de uma sombra, um homem que não conheça trabalhos masculinos nem suores fortes, um homem acostumado a um gênero de vida algo impróprio do seu sexo, um homem que procura substituir as boas qualidades que lhe faltam por cores adornos exóticos. Tal fato é tão evidente que não vale a pena discuti-lo mais pormenorizadamente; mencionaremos apenas o ponto principal que a ele se prende. O aspecto de tal corpo na guerra e em outras situações sérias torna os inimigos corajosos, ao passo que os amigos, e também os próprios amantes, inevitavelmente temerão por ele. Isto, porém, é fato que não sofre dúvida e podemos abandonar o assunto.

Agora devemos examinar que vantagens e que prejuízos, no tocante à fortuna, nos oferecerão o convívio com o amante e sua proteção. Uma coisa é evidente para todos, e em primeiro lugar para o próprio amante: ele deseja, acima de tudo, que seu amado seja privado dos mais ambicionáveis, mais agradáveis e mais divinos bens. A esse homem convém que o amado perca o pai, a mãe, os parentes e os amigos, pois os considera como opositores e censores do gênero de convivência que a ele é mais agradável. Quando, porém, o amado possui uma fortuna em ouro ou em outros objetos de valor, afigurar-se-á ao amante que não é muito fácil conquistar o rapaz e, caso este se deixe conquistar, não será muito obediente. De tudo isso se conclui que o amante inveja o amado quando este recebe uma fortuna e alegra-se quando o mesmo a perde. O amante não deseja que o objeto do seu amor se case, que tenha filhos, que possua um lar, pois sua intenção é gozar, o mais longamente que puder, o seu prazer egoísta, o gozo do seu doce fruto.

Há muitos outros males, mas à maior parte deles um ente sobrenatural parece haver misturado algum momentâneo prazer. Assim, o lisonjeiro, por exemplo, é horrível monstro e traz grandes prejuízos, mas, simultaneamente, a natureza lhe conferiu certo atrativo que não deixa de ter seu encanto. Poder-se-ia chamar nociva também a uma prostituta, e o mesmo a várias outras criaturas duvidosas, e a costumes que proporcionam um prazer deleitoso, porém efêmero. O mesmo se dá com o apaixonado em relação com os seus amores. Ele não é apenas nocivo. Sua assiduidade o torna terrivelmente desagradável. Diz um velho provérbio que cada um gosta de conviver com os que são da sua idade. Segundo penso, a mesma idade conduz aos mesmos prazeres e essa semelhança engendra amizade. Mas, apesar disso, uma dessas convivências levada ao exagero resultará em saciedade também é coisa que todos consideram desagradável. Ainda mais evidente e desagradável é ela no que diz respeito à diferença da idade, sobretudo na companhia de um amante que a idade afasta daquele que ele ama. Se é velho, persegue o objeto do seu amor e não o larga nem durante o dia nem durante a noite; é aguilhoado pelo desejo intenso, sente prazer todas as vezes que

vê o amado ou lhe ouve a voz, ou lhe toca, ou, enfim, o percebe por qualquer dos sentidos; com prazer se aproxima dele e incessantemente o acaricia. Mas que consolação e que divertimentos poderá dar ele ao amado, para que este, que tem de permanecer tanto tempo em sua companhia, não sinta desprazer? O moço está diante de um ser enrugado, afligido pelos achaques da velhice, e a isso se adicionam outras coisas que acompanham essa visão e que de fato só são suportadas com repugnância. Resguardado contra todos com desconfiança, fiscalizando no que faz e no que diz, ouve ainda do objeto amado, do seu apaixonado, elogios inconvenientes e exagerados, e também repreensões que seriam insuportáveis mesmo nos lábios de um homem sóbrio, mas quando se acrescentam à embriaguez não só são insuportáveis mas ofensivas, pois um homem desses usa expressões aborrecidas, despudoradas e atrevidas que causam mágoa, raiva, dor e desprazer. Pois bem: quando o amante está apaixonado, é desagradável é prejudicial; quando, porém, seu amor termina, ele se revela como homem indigno de confiança; trairá aquele que seduzira com promessas magníficas, com os seus juramentos e a sua devoção. Outrora, tratou de conservar o convívio de seu amado acenando-lhe com a esperança de grandes bens, porque a convivência em si era desagradável. Agora, porém, que chegou a ocasião de cumprir suas promessas, ei-lo transformado em outro homem sem que seu amado o tenha notado. Em seu íntimo, rendeu-se a outro soberano e guia, à ponderação e à sobriedade, abandonando o amor e a loucura. O amado, que agora espera gratidão pelos favores concedidos, lembra-lhe o que ambos faziam e diziam outrora, julgando falar ainda com o mesmo homem. Mas o amante tem vergonha de dizer que se tornou outro, e além disso é incapaz de cumprir as promessas e juramentos feitos sob o domínio da loucura da paixão. Como adquiriu juízo e sabedoria, não quer fazer o mesmo que antes, para não se tornar de novo semelhante ao que era em outro tempo. Em consequência disso se torna esquivo; o antigo amante perdeu seu amor, devido às circunstâncias; o caco caiu de outro modo, e o amante fuge do amado, trocando-se os papéis. O outro, vendo-se na necessidade de persegui-lo, encoleriza-se contra ele e pragueja; não compreendeu, no começo, que não devia ter conhecidos favores ao homem outrora apaixonado e insensato, mas sim a quem, não se achando dominado pela paixão, soubesse proceder com juízo. Entregando-se ao apaixonado, abandonou-se a um homem sem palavra, de convívio desagradável, a um homem cheio de inveja, que só lhe causou desprazer, nocivo para a sua fortuna, para a sua educação física e, acima de tudo, para a sua educação espiritual, o mais estimável de todos os bens que existem ou poderão existir, tanto para os homens quanto para os deuses.

Eis, caro rapaz, o que é necessário ter em mente; devem saber que o amor de um homem apaixonado não provém de um sentimento benévolo, mas, como o apetite ao comer, da necessidade de satisfazê-lo.

“Como o lobo ama o cordeiro, ama o apaixonado o seu amado”.

Meu caro Fedro, eis tudo o que tenho a dizer. Nada a mais ouviras desta boca. Meu discurso está terminado.

FEDRO: - Pois eu julgava que fosse apenas a metade. Supunha que fosses dizer outro tanto sobre o homem não apaixonado, demonstrando que se lhe devem conceder mais favores e expondo as vantagens que isso nos traz. Por que terminaste aí, caro Sócrates?

SÓCRATES: - Não notaste, meu amigo, que já deixei de falar em ditirambos e passei ao ritmo da epopeia? Não notaste que estou a censurar? Que achas que eu faria se começasse a louvar o outro? Não vês que eu seria tomado de entusiasmo, sob a influência das ninfas às quais manhosamente me entregaste? Dir-te-ei tudo numa palavra: as mesmas coisas que repreendemos em um se acham no outro, mas

transformadas nos seus contrários, isto é, em bem. Será necessário pronunciar um longo discurso a esse respeito? O que já foi dito basta para os dois. Que o meu discurso tenha o destino que merece. Agora, antes que me obrigues a falar mais, vou atravessar o riacho e afastar-me.

A voz demoníaca

FEDRO: - Ainda não, caro Sócrates! Espera até que passe o calor! Acaso não vês que é quase meio-dia [o que se chama a hora do máximo calor]? É melhor esperarmos, conversando, enquanto isso, sobre o assunto discutido. Depois, quando refrescar, iremos.

SÓCRATES: - Oh! Tu és divino com os teus discursos, caro Fedro! És verdadeiramente admirável! Creio que ninguém em sua vida deu origem a tantos discursos, quer os tenhas redigido tu mesmo, quer tenhas instigado outros a fazê-los. A única exceção é o tebano Símiás, mas a todos os demais sobrepujaste. Parece-me que agora me provocaste a fazer um segundo discurso.

FEDRO: - O que dizes está longe de me incomodar. Mas como sucedeu isso?

SÓCRATES: - Caro amigo! Quando quis atravessar o regato despertou em mim o “daimónion” e manifestou-se o sinal costumeiro. Ele sempre me impede de fazer o que desejo. Pareceu-me ouvir uma voz que vinha cá de dentro e que não me permitia ir embora antes de oferecer aos deuses uma expiação, como se eu houvesse cometido alguma impiedade. Sou adivinho, mas não muito hábil; sou como os que não sabem bem ler e escrever: só faço adivinhações para mim mesmo. Agora vejo com clareza o meu pecado. Meu amigo! A alma tem o dom de profetizar. Já enquanto fazia o discurso senti certa perturbação. Para me exprimir como Ibico, tive medo de ganhar honra aos olhos dos homens cometendo um pecado contra os deuses. Mas agora percebo qual é a minha culpa.

FEDRO: - Que queres dizer?

SÓCRATES: - Trouxeste-me um discurso horrível, caro Fedro, e me obrigaste a fazer outro discurso horrível.

FEDRO: - Como assim?

SÓCRATES: - Um discurso tolo e, em certo sentido, ímpio. Pode haver coisa mais horrível?

FEDRO: - Por certo que não, se é verdade o que dizes.

SÓCRATES: - Pois então já não crês que Eros é filho de Afrodite, e como tal é deus?

FEDRO: - Sem dúvida. É o que diz a tradição.

SÓCRATES: - Mas tal fato não foi mencionado por Lísias nem no meu discurso, aquele que minha língua enfeitiçada pronunciou. Ora, se Eros é, como de fato é, um deus ou um ser divino, não poderá ser mau. Entretanto, os dois discursos que se fizeram a seu respeito referiam-se a ele como se o fosse. Esses discursos pecaram contra Eros. Além disso, a sua tolice é cômica, pois, embora não tenham dito nada de verdadeiro nem de aproveitável, enchem-se de importância porque conseguiram iludir alguns ingênuos e ganhar os seus aplausos. Eis por que, meu Fedro, é necessário que eu me penitencie. Ora, à disposição dos que pecaram contra a mitologia está uma antiga expiação que Homero não conhecia, mas que Estesícoro conhecia. Este perdeu a luz dos olhos por ter ofendido a Helena; mas, ao contrário de Homero, não ignorava a causa disso. Como amigo das Musas, ele a conhecia, e imediatamente escreveu estes versos:

“Não foi verdadeiro o teu discurso;
tu jamais entraste num navio

e tão pouco estiveste no castelo de Troia”.

Depois de ter completado a sua palinódia, foi-lhe restituída a vista. Eu, porém, serei mais sábio do que eles neste ponto. Antes que venha a sofrer pela ofensa feita a Eros tentarei fazer a minha palinódia, mas com a cabeça nua e não, como antes, embuçada.

FEDRO: - Nada poderias dizer que me fosse mais agradável, caro Sócrates.

SÓCRATES: - Bem vêes agora, Fedro, a impudência com que foram proferidos esses dois discursos, o de há pouco assim como o que leste. Imagina que um homem honesto, de costumes civilizados, que ame ou tenha amado outrora um rapaz, nos ouça afirmar que os amantes contendem com os seus amados por causa de ninharias, que os invejam ou prejudicam. Esse homem julgaria estar ouvindo indivíduos que se criaram entre marinheiros e nunca conheceram um nobre amor. Um homem assim jamais concordaria com as censuras que dirigimos a Eros. Não te parece?

FEDRO: - Por Zeus, caro Sócrates! Talvez seja assim.

SÓCRATES: - Eu me envergonharia diante de tal homem. Além disso, tenho medo de Eros. Por este motivo, quero agora lavar com um discurso suave o ouvido cheio de água salgada. Aconselho também a Lísias que escreva tão cedo quanto possível um discurso declarando que, em igualdade de circunstâncias, antes se devem conceder favores ao que ama do que ao que não ama.

FEDRO: - Fica sossegado, que ele saberá disto. Se tu fizeres agora o elogio do amante, terei de obrigar Lísias a escrever um discurso no mesmo sentido.

SÓCRATES: - Confio nisso, enquanto permaneceres o que és.

FEDRO: - Então fala com toda a confiança!

SÓCRATES: - Mas onde está o rapaz para quem falei? Quero que ele ouça também isto, a fim de que não vá prestar favores inconsideradamente a alguém que não o ama.

FEDRO: - Esse rapaz está junto de ti sempre que o desejares.

Elogio do amor

SÓCRATES: - “Então imagina, encantador rapaz, que o discurso anterior foi proferido por Fedro, filho do mirrinúsio Pítocles, e o que eu agora pronunciarei, por Estesícoro, filho do himereu Eufemo. O início deve ser: não foi verídico este discurso ao dizer que, apesar de se ter um amante, é prudente conceder mais favores ao não-apaixonado, porque aquele é louco, enquanto que este possui discernimento. Isto seria verdade se a loucura fosse apenas um mal; mas, na verdade, porém, obtemos grandes bens de uma loucura inspirada pelos deuses. A profetisa de Delfos e as sacerdotisas de Dodona prestam grandes serviços às pessoas e aos estados da Grécia quando estão em delírio. Em seus momentos lúcidos praticam somente coisas sem importância, ou nada fazem. E seria supérfluo dizer que a Sibila e outros adivinhos, agindo sob a inspiração divina e predizendo o futuro, corrigiram muitas coisas, como todos sabem. E esse fato deve ser mencionado como prova de que também os antigos, inventores dos nomes das coisas, não consideravam a loucura como desprezível ou desonesta. Deram eles à arte de prever o futuro o nome de “*maniké*”, “*mania*”, considerando-a como uma dádiva dos deuses, um bem. Os contemporâneos, que não entendem as belas palavras, introduziram, sem nenhum propósito nessa palavra, um “*t*”, transformando-a em “*mantiké*”, a arte divinatória. Ao contrário, a investigação do futuro, feita por homens que não são inspirados, que observam o voo dos pássaros e outros sinais, é a “*oionoistike*”, pois esses adivinhos procuraram atribuir ao pensamento humano (*oiêsis*) a inteligência (*nous*) e o conhecimento (*istoria*). Os modernos, mudando o antigo “*o*” no enfático “*ô*”, deram a essa arte o nome de “*oiônoistike*”. Assim, o dom da profecia

supera em perfeição e em dignidade a arte dos augúrios, tanto no nome como na própria coisa - e assim também o delírio que provém dos deuses é mais nobre que a sabedoria que vem dos homens. Assim nos garantiam os antigos.

Quando as epidemias e os terríveis flagelos caíam sobre os povos como castigo de pecados antigos, o delírio, tomando conta de alguns mortais e inspirando-lhes as profecias, levou-os a descobrir remédios aos males e o refúgio contra a ira divina nas preces e nas cerimônias expiatórias. Foi, pois, ao delírio que se deveram as purificações e os ritos misteriosos que preservaram dos males atuais e vindouros o homem realmente inspirado, animado de espírito profético, revelando-lhe, ao mesmo tempo, o meio de se libertar desses males.

Há ainda uma terceira espécie de delírio: é aquele inspirado pelas Musas. Quando ele atinge uma alma virgem e pura, transporta-a para um mundo novo e inspira-lhe odes e outros poemas que celebram as gestas dos antigos e que servem de ensinamentos às novas gerações.

Mas quem se aproxima dos umbrais da arte poética, sem o delírio que é provocado pelas Musas, julgando que apenas pelo intelecto será bom poeta, sê-lo-á imperfeito, pois que a obra poética inteligente empalidece perante aquela nascida do delírio.

Essas são as vantagens do delírio que derivam dos deuses. Não devemos pois temer nem nos deixar perturbar por um discurso no qual se afirma que se deve preferir ao apaixonado o sensato.

É o primeiro que deve receber os louros da vitória, pois o amor foi enviado ao amante e ao amado, não pela sua utilidade material, mas, ao contrário - e é o que mostraremos -, esse delírio lhes foi inculcado pelos deuses para sua felicidade. Essa prova suscitará o desdém dos maus, mas persuadirá os sábios.

Nessas condições, o que desde logo é necessário fazer é indagar qual é a verdade acerca da natureza da alma, observar seus estados e obras, indagar se a sua natureza é divina ou humana.

Necessidade de saber o que é a alma

Partiremos do seguinte princípio: Toda alma é imortal, pois aquilo que se move a si mesmo é imortal. O que move uma coisa, mas é por outra movido, anula-se, uma vez terminado o movimento. Somente o que a si mesmo se move, nunca saindo de si, jamais acabará de mover-se, e é, para as demais coisas movidas, fonte e início de movimento. O início é algo que não se formou, sendo evidente que tudo o que se forma, forma-se de um princípio. Este princípio de nada proveio, pois que se proviesse de uma outra coisa não seria princípio. Sendo o princípio coisa que não se formou, deve ser também, evidentemente, coisa que não pode ser destruída. Se o princípio pudesse se anular, nem ele mesmo poderia nascer de uma outra coisa, nem dele outra coisa, porque necessariamente tudo brota do princípio.

Concluindo, pois, o princípio do movimento é aquilo que a si mesmo se move. Não pode desaparecer nem se formar, do contrário o universo e todas as gerações parariam e nunca mais poderiam ser movidos. Pois bem, o que a si próprio se move é imortal. Quem isso considerar como essência e caráter da alma, não terá escrúpulo nessa afirmação. Cada corpo movido de fora é inanimado. O corpo movido de dentro é animado, pois que o movimento é da natureza da alma. Se aquilo que a si mesmo se move não é outra coisa senão a alma, necessariamente a alma será algo que não se formou. E será imortal.

Sobre a imortalidade, isso bastará. Mas quanto ao seu caráter, assim devemos explicá-lo:

O mito da parelha alada

O caracterizá-la daria ensejo para divinos e longos discursos. Representá-la numa imagem já é coisa que se possa fazer num discurso humano de menores pretensões. A alma pode ser comparada com uma força natural e ativa, constituída de um carro puxado por uma parelha alada e conduzido por um cocheiro.

Os cavalos e os cocheiros das almas divinas são bons e de boa raça, mas os dos outros seres são mestiços. O cocheiro que nos governa rege uma parelha na qual um dos cavalos é belo e bom, de boa raça, enquanto o outro é de raça ruim e de natureza arrevesada. Assim, conduzir nosso carro é ofício difícil e penoso.

Cabe ainda explicar a razão pela qual, entre os seres animados, uns são mortais e outros imortais.

A alma universal rege a matéria inanimada e manifesta-se no universo de múltiplas formas. Quando é perfeita e alada, paira nas esferas e governa a ordem do cosmos. Mas quando perde as suas asas, decai através dos espaços infinitos até se consorciar a um sólido qualquer, e aí estabelece o seu pouso. Quando reveste a forma de um corpo terrestre, este começa, graças à força que lhe comunica a alma, a mover-se. É a este conjunto de alma e de corpo que chamamos de ser vivo e mortal.

Quanto à denominação de *imortal*, isto é algo que não podemos exprimir de uma maneira racional. Nós conjecturamos, sem disso termos experiência alguma nem a suficiente clareza, que um ser *imortal* seria a combinação de uma alma e de um corpo que se unem para toda a eternidade. Mas isso depende de Deus.

Expliquemos agora de que modo as almas perdem as asas.

A tarefa da asa consiste em conduzir o que é pesado para as alturas, onde habita a raça dos deuses. A alma participa do divino mais do que qualquer outra coisa corpórea. O que é divino é belo, sábio e bom. Dessas qualidades as asas se alimentam e se desenvolvem, enquanto todas as qualidades contrárias, como o que é feio e o que é mau, fazem-na diminuir e fenecer. Zeus, o grande condutor do céu, anda no seu carro alado a dar ordens e a cuidar de tudo. O exército dos deuses e dos demônios segue-o, distribuído em onze tribos. Héstia é a única entre os seres divinos que permanece em casa. Cada um dos outros onze deuses é o guia da sua tribo ordenada. Há muitos e agradáveis espetáculos e caminhos no céu, por onde anda a grande família dos deuses, fazendo cada um deles o que lhe está afeito e seguindo-os aqueles que os podem seguir.

Quando se dirigem para o banquete que os espera, os carros sobem por um caminho escarpado até o ponto mais elevado da abóbada celeste. Os carros dos deuses que se mantêm em equilíbrio, graças à docilidade dos corcéis, sobem sem dificuldade. Os outros grimpam com dificuldade porque o cavalo de má raça inclina e puxa o carro para a terra. Isso dá então grande trabalho para a alma.

As almas daqueles que chamamos imortais, logo que atingem a abóbada celeste aí se mantêm; movem-se em grandes círculos e podem então contemplar tudo o que fora dessa abóbada abarca o Universo.

O céu platônico

Nenhum poeta jamais cantou nem cantará a região que se situa acima dos céus. Vejamos, todavia, como ela é. Se devemos dizer sempre a verdade, quanto mais obrigados o seremos ao falarmos da própria verdade. A realidade sem forma, sem cor, impalpável só pode ser contemplada pela inteligência, que é o guia da alma. E é na Idéia Eterna que reside a ciência perfeita, aquela que abarca toda a verdade.

O pensamento de um Deus nutre-se de inteligência e de ciências puras. O mesmo se dá com todas as almas que procuram nutrir-se do alimento que lhes convém. Quando a alma, depois da evolução pela qual passa, chega a conhecer as essências, esse conhecimento das verdades puras a mergulha na maior felicidade. Depois de haver contemplado essas essências, volta a alma a seu ponto de partida. E, alguma tempo depois da revolução pela qual passou, ela pôde contemplar a Justiça, e a Ciência - não estas que conhecemos, sujeitas às mudanças e que são contingentes aos objetos - mas a Ciência que tem por objeto o Ser dos Seres. Quando assim contemplou as essências, quando se saciou a sua sede de conhecimento, a alma mergulha novamente na profundidade do céu e volta ao pouso.

E após a volta da alma, o condutor leva os cavalos a manjedoura e dá-lhes ambrosia e néctar. Essa é a vida dos deuses.

A sorte das outras almas é porém esta:

Elas tudo fazem para seguir os deuses, seu condutor ergue a cabeça para a região exterior e se deixam levar com a rotação. Mas, perturbadas pelos corcéis do carro, apenas vislumbram as realidades. Ora levantam, ora baixam a cabeça, e, pela resistência dos cavalos, veem algumas coisas mas não vêem outras. Outras há ainda que, nostálgicas, seguem atabalhoadas acompanhando a rotação, incapazes de se levantar, empurrando-se e derrubando-se umas às outras, quando alguma pretende passar adiante. Há confusão e briga, e abundante suor. Muitas saem feridas, por culpa dos cocheiros. Muitas partem as penas de suas asas. Todas, após esforços inúteis, não conseguindo se elevar até a contemplação do Ser Absoluto, caem, e sua queda as condena à simples Opinião. A razão que atrai as almas para o céu da Verdade é que somente aí poderiam elas encontrar o alimento capaz de nutri-las e de desenvolver-lhes as asas, alimento que conduz a alma para longe das baixas paixões.

É uma lei de Adrastea: toda a alma que segue a de um deus, contempla algumas das Verdades: fica isenta de todos os males até nova viagem, e, se o seu voo continuar vigoroso, ela ignorará eternamente o sofrimento. Mas, quando não pode seguir os deuses, quando devido a um erro funesto ela se enche de alimento impuro, de vício e esquecimento, torna-se pesada e precipita-se sem asas ao solo.

Uma lei estabelece que, no primeiro nascimento terreno, a alma não entra no corpo de um animal; aquela que mais Verdades contemplou gerará um filósofo, um esteta ou um amante favorito das Musas; a alma de segundo grau irá formar um rei legislador, guerreiro ou dominador; a de terceiro grau formará um político, um economista ou financista; a do quarto, um atleta incansável ou um médico; a do quinto seguirá a vida de um profeta ou adepto dos mistérios; a do sexto terá a existência de uma poeta ou qualquer outros produtor de imitações; a do sétimo, a de um operário ou camponês; a do oitavo, a de um sofista ou demagogo; a do nono, a de um tirano. Quem em todas estas situações, praticou a justiça moral, terá melhor sorte. Quem não a praticou cai em situação inferior.

Para o ponto de que saiu uma alma não voltará ela senão passados 10.000 anos, pois, antes disso, não recebe asas. Fazem exceção as almas dos filósofos sinceros e dos que amam os rapazes com amor filosófico. Saem alados no terceiro milênio, se por três vezes seguidas escolheram a vida do filósofo.

Quanto às outras almas, terminada a primeira vida, passam por um julgamento. Umam vão para lugares de penitência, abaixo da terra, para sofrerem o castigo; outras sobem, por sentença, a um lugar do céu onde desfrutam as recompensas das virtudes que praticaram na vida terrestre. No milésimo ano, cada alma destas duas espécies tira a sorte e escolhe uma segunda vida, obtendo o que merece!

Assim, uma alma humana pode entrar em corpo de animal, e a alma de um animal pode ir animar um corpo de homem, desde que já uma vez tenha sido homem.

A ideia e a reminiscência

A alma que não evoluiu e nunca contemplou a verdade não pode tomar a forma humana. A causa disso é a seguinte: a inteligência do homem deve se exercer de acordo com aquilo que se chama Ideia; isto é, elevar-se da multiplicidade das sensações à unidade racional. Ora, esta faculdade nada mais é que a reminiscência das Verdades Eternas que ela contemplou quando acompanhou a alma divina nas suas evoluções. Por isso, convém que somente a alma do filósofo tenha asas: nele a memória, pela sua aptidão, permanece sempre fixada nessas Verdades, o que o torna semelhante a um deus. É apenas pelo bom uso dessas recordações que o homem se torna verdadeiramente perfeito, podendo receber em alto grau as consagrações dos mistérios. Um homem desses se desliga dos interesses humanos e dirige seu espírito para os objetos divinos; a multidão o considera louco, sem perceber que nele habita a divindade. Depois de tudo o que dissemos, chegamos à quarta espécie de delírio: ocorre quando alguém neste mundo vê a beleza. Recordar-se este da beleza verdadeira, recebe asas e deseja voar para o alto; não o podendo, porém, volta seu olhar para o céu esquecendo os negócios terrenos e dando desse modo a saber que está delirante. De todos os entusiasmos este é o melhor e da mais pura origem; saudável para quem o possui e dele participa. Quem delira assim, ama o que é belo e chama-se amante.

Como já disse, a alma humana, dada a sua própria natureza, contemplou o Ser verdadeiro. De outro modo nunca poderia animar um corpo humano. Mas as lembranças desta contemplação não despertam em todas as almas com a mesma facilidade. Uma apenas entreviu o Ser verdadeiro; outra, após a sua queda, movida pela iniquidade, esqueceu os mistérios sagrados que um dia contemplou.

Portanto, são poucas as almas cuja recordação é bastante clara.

Quando elas percebem um objeto que é semelhante a um outro de lá, assustam-se e têm a mesma incerteza daqueles que não conhecem bem um objeto porque não o percebem com nitidez. Pois bem: os arremedos humanos da justiça e da sabedoria, e todas as outras qualidades da alma, não têm fulgor nas suas imagens terrestres e, observando-as com sentidos fracos, somente poucos, e com dificuldade, reconhecem, nessas imagens, o modelo daquilo que representam. Mas a beleza era visível em todo o seu esplendor quando, na corte dos bem-aventurados, deparávamos com o espetáculo ridículo em que uns seguiam a Zeus e alguns entre nós a outros deuses. Iniciados nos mistérios divinos, nos os celebrávamos puros e livres, isentos das imperfeições em que mergulhamos no curso ulterior do nosso caminho. A integridade, a simplicidade, a imobilidade, a felicidade eram as visões que a iniciação revelava ao nosso olhar, imersas numa pura e clara luz. Não tínhamos mácula nem tampouco contato com esse sepulcro que é o nosso corpo ao qual estamos ligados como a ostra à sua concha.

Perdoa-me ter sido tão longo... São lembranças dos passados esplendores que já não voltam!

Quanto à beleza - como te disse -, ela brilhava entre todas aquelas Ideias Puras, apesar de nossa prisão terrena, seu brilho ainda ofusca todas as outras coisas. A visão é ainda o mais sutil de todos os nossos sentidos. Não pode, contudo, perceber a sabedoria. Despertaria amores veementes se oferecesse uma imagem tão clara e nítida quanto as que podíamos contemplar para além do céu. Somente a beleza tem esta ventura de ser a coisa mais perceptível e arrebatadora. Aquele que não foi iniciado ou que se corrompeu, não se eleva com ardor para o além, para a beleza em si mesma.

Apenas conhece o que aqui se chama belo, e não adora aquilo que vê. Como um quadrúpede, dedica-se ao prazer sensual, tratando de unir-se sexualmente e de procriar filhos. Se for dado à intemperança, não terá medo nem vergonha de se entregar aos prazeres contra a natureza. O que foi iniciado há pouco, e que outrora muito contemplou, ao ver um rosto divino ou um corpo que bem encarna a beleza, sente certa estranheza e um pouco da antiga emoção e volta, pois, a olhar este belo corpo, adora-o como adoraria um deus. E, se não tivesse receio de ser considerado monomaniaco, ofereceria sacrifícios ao objeto do seu amor como a um deus. Quando contempla o seu amor, apodera-se do amante uma crise semelhante à febre: modificam-se-lhe as feições, o suor poreja em sua fronte e um calor estranho corre pelas suas veias. Logo que percebe, através dos olhos, a emanção da beleza, sente esse doce calor que alimenta as asas da sua alma. Esse calor derrete os entraves da vitalidade, aquilo que, pelo endurecimento, impedia a germinação. O afluxo do alimento produz uma espécie de intumescência, um sopro de crescimento no corpo das asas. Esse ímpeto vai se espalhar por toda a alma.

Esta, quando as asas começam a desenvolver-se, ferve, incha e sofre da mesma maneira como padecem as crianças que, ao lhe nascerem novos dentes, sentem pruridos e irritação nas gengivas. Também a alma freme, padece e sente dores, ao lhe crescerem as asas. Quanto contempla a beleza de um belo objeto, e dele provêm corpúsculos que saem e se separam - o que gera a vaga de desejo (himeros), a alma encontra então o alívio para as dores e a alegria. Mas, quando está separada do amado, fenece. E as aberturas pelas quais saem as asas também contraem e, fechando-se, impedem a saída da asa, que, presa no interior juntamente com a vaga do desejo a palpitar nas artérias, faz pressão em cada saída sem abrir caminho. Deste modo a alma toda, atormentada em seu próprio âmago, sofre e padece, e no seu frenesi não encontra mais repouso. Impelida pela paixão, ela se lança à procura da beleza. Quando a revê ou a encontra de novo, reabrem-se-lhe os poros. A alma respira novamente e já então não sente o agulhão da dor e goza, nesse momento, da mais deliciosa volúpia. Por isso não a abandona voluntariamente. Nada tem mais valor para ela do que a beleza. Esquece mãe, irmãos e os amigos. Nem se preocupa com a fortuna perdida, nem respeita as leis e os bons costumes; está disposta a ser escravizada pelo amado e ao seu lado dorme tão próximo quanto o permitirem os outros. Ela adora aquilo que ostenta beleza, pois nela encontrou o remédio às maiores doenças. Os homens, belo jovem a quem se dirige o meu discurso, chamam a tudo isso de amor mas, ao ouvir como os deuses o chamam, talvez te rias, devido à tua pouca idade. Creio que alguns Homéridas recitam dois versos sobre Eros: o segundo dos quais, embora não seja de prosódia muito elegante, é o seguinte:

“Os mortais o chamam de Eros, o deus alado. Os imortais, de “Pteros”, por fornecer asas”.

Pode-se aceitar ou não, mas a verdade é que isso explica a paixão dos amantes e sua causa. Um companheiro de Zeus é capaz de suportar mais facilmente a perturbação causada pelo deus alado. Os companheiros de Ares, com o qual fizeram a rotação, sendo atacados por Eros e crendo que pelo amado são injuriados, são tomados de fúria assassina e sacrificam-se a si próprios e aquilo que amam.

E assim sucede a respeito de cada deus. Cada humano adora o deus de quem foi companheiro. Imita-o como pode enquanto não está pervertido e enquanto aqui vive, depois do primeiro nascimento. Assim, todos imitam o seu deus nas relações amorosas e nas outras. Cada um escolhe o seu amor de acordo com o respectivo caráter e passa a vê-lo como seu deus, eleva-lhe uma estátua no seu coração, enfeita-o para adorá-lo e

celebra os seus mistérios. Os companheiros de Zeus buscam alguém que tenha alma semelhante a Zeus. Avaliam se ele tem viés de filósofo e de chefe, e quando encontram o que desejavam, tudo fazem para nele desenvolver os dons desse deus. Se antes não viviam sob o signo desse deus, agora dedicam-se inteiramente a cultivar as qualidades do deus e muito trabalham para aperfeiçoá-las pelo ensino, com toda energia. Outros procuram descobrir em si o caráter do seu deus e, se o conseguem, a isso se entregam. Quando o conseguem apanhar pela lembrança, são tomados de entusiasmo e põem-se a imitar, tanto quanto é possível ao homem, os hábitos e costumes divinos. Considerando o amado como causa desse fado, passam a amá-lo ainda mais.

Se tiram o seu alimento de Zeus, como as Bacantes, eles o espalham sobre a alma do objeto amado e a fazem tanto quanto possível semelhante à do seu deus. Os seguidores de Hera procuram alguém que possua qualidades régias e, encontrando-o, também em tudo se comportam como reis. Os seguidores de Apolo e de cada um dos outros deuses também regulam seu procedimento conforme o deus a quem seguiram. Imitam-no, persuadem os amantes, convencendo-os e conformando-os ao costume e exemplo dos seus deuses.

Em vez de sentirem inveja do amado, esses amantes fazem tudo para tornar os seus amados semelhantes a eles mesmos ou aos deuses que adoram. É desse zelo que estão animados os verdadeiros amantes. Se conseguem que o amado divida com eles o mesmo interesse, o mesmo amor, a sua vitória é, ao mesmo tempo, uma iniciação. O amado que se deixa conquistar por um amante que delira assim, entrega-se a uma nobre paixão que será, para ele, uma fonte de felicidades. É assim que tem lugar também desse modo.

As alternativas do amor

No princípio do mito dividi cada alma em três partes, sendo dois cavalos, e a terceira, o cocheiro. Assim devemos continuar. Dissemos que um dos cavalos é bom e o outro não. Esclareçamos agora qual é a virtude do bom e a maldade do outro.

O cavalo bom tem o corpo harmonioso e bonito; pescoço altivo, focinho curvo, cor branca, olhos pretos; ama a honestidade e é dotado de sobriedade e pudor, amigo como é da opinião certa. Não deve ser fustigado e sim dirigido apenas pelo comando e pela palavra. O outro - o mau - é torto e disforme; segue o caminho sem firmeza; com o pescoço baixo, tem um focinho achatado e a sua cor é preta; seus olhos de coruja são estriados de sangue; é amigo da soberba e da lascívia; tem as orelhas cobertas de pelos. Obedece apenas - a contragosto - ao chicote e ao açoite.

Quando o cocheiro vê algo amável, essa visão lhe aquece a alma, enchendo-a de pruridos e desejos. O cavalo obediente ao guia, como sempre, obedece e a si mesmo se refreia. Mas o outro não respeita o freio nem o chicote do condutor. Aos corcovos, move-se à força, embaraçando ao mesmo tempo o guia e o outro cavalo; obriga-os por fim a entregarem-se à volúpia. Os dois a princípio resistem, ficam furiosos, como se fossem coagidos a praticar um ato mau e imoral, mas acabam por se deixar levar e concordam em fazer o que manda o mau cavalo. E eles se dirigem ao amado para gozar de sua presença, que brilha ofuscante como um relâmpago.

Quando o cocheiro vê o ser amado, a lembrança o reconduz para a essência da beleza. Este a revê no santo pedestal, ao lado da sabedoria, e ele se assusta, teme, e necessariamente puxa o freio. E com tal violência o retrai que ambos os cavalos recuam; o bom, voluntariamente e sem resistência; o ruim, entretanto, a contragosto. Afastam-se ambos do amado. Enquanto um, pela vergonha, banha de suor a alma, o outro, passada a dor causada pelo freio e pela queda, arfa ruidosamente, enraivece-se e luta com o condutor e o companheiro por terem abandonado o acordo por covardia e inépcia.

Novamente, obriga-os a se aproximar, contra a vontade, não lhes concedendo muito repouso, e, depois de breve intervalo de receio, ele os lembra do amado esquecido e os obriga - aos relinchos e empuxões - a tentarem novo assalto ao objeto amado. E quando deste se aproximam, o mau cavalo se precipita, estende a cauda, morde o freio puxando-o sem pudor. Mas o cocheiro, ainda mais impressionado que antes, logo se retrai, repuxando com mais força o freio do cavalo mau. Escorre-lhe o sangue da língua e das mandíbulas, apertadas que tem a um tempo as pernas e as ancas de encontro ao chão, pelos maus tratos do guia. Depois de sofrer tudo isso, o mau cavalo amansa e segue o governo do cocheiro. Agora, quando vê o belo, quase morre de medo.

Só então a alma do amante segue, com receio e pudor aquele que ama.

Entretanto, o jovem que se vê mimado e honrado como um deus pelo seu amante, tem desperta em si a necessidade de amar. Se antes, os seus amigos ou outras pessoas lhe denegriam esse sentimento, afirmando ser vergonhoso tal consórcio amoroso, e se esses conselhos o afastaram do seu amante, o tempo que passa, a idade, a necessidade de amar e de ser amado, levam-no, de novo, aos braços do amante. Não é desígnio do fado que o malvado ame o malvado e que um homem virtuoso não possa ser amado pelo homem virtuoso. Quando o amado recebe o amante, que desfrutou da sua doçura e do seu convívio, compreende que o afeto de seus amigos e parentes em nada é comparável ao de um amante inspirado pelo delírio. Assim vivem, se veem e se tocam, ora nos estádios, ora em outros lugares. Assim nasce essa emanção que Júpiter, quando amara Ganimedes, chamou de desejo. Esse desejo se insinua no amante, e quando este se encontra cheio dele, transborda. Do mesmo modo que um zéfiro ou que um som refletido por um corpo sólido e polido, também as emanções da beleza, entrando pelos olhos através dos quais - como lhe é natural - atingem a alma, volta esta ao belo, estende as asas e, molhando-as, as torna capazes de gerar novas asas, inundando também de amor a alma do amado. Ele ama, mas sem saber o quê. Nem sabe, nem pode dizer o que aconteceu consigo; assim como um contaminado de oftalmia desconhece a origem de seu mal, assim também o amado, no espelho do amante, viu-se a si mesmo sem dar por isso. Na presença do amado a dor do amante se esvai, e o mesmo sucede com este na presença daquele. Quando o outro está longe, o amante sente tristeza, e da mesma forma esta sacode o amado, porque ele abriga o reflexo do amor - acreditando, contudo, que se trata de amizade, e não de amor. Embora com menor intensidade, deseja aproximar-se do outro, vê-lo, tocá-lo, acariciá-lo, deitar-se ao seu lado e, assim, não tardará a satisfazer o seu desejo. Enquanto está a seu lado, o corcel indócil do amante tem muitas coisas a dizer ao cocheiro. Como recompensa de tantos sofrimentos, ele apenas pede um instante de prazer. O corcel do amado nada diz, mas, sentindo algo que ele não compreende, toma o amante nos braços e cobre-o dos mais ternos beijos.

Não tem forças para recusar os favores que o amigo lhe pede. Mas o bom corcel e o cocheiro resistem, em nome do pudor e da razão.

Se a melhor parte da alma sair vitoriosa e os conduzir a uma vida bem ordenada e filosófica, eles passarão o resto de sua vida felizes e em harmonia, sob o comando da honestidade, reprimindo a parte da alma que é viciosa e libertando a outra que é virtuosa. E ao morrer recebem asas e ficam leves, pois venceram um dos três combates verdadeiramente olímpicos, o maior bem que a sabedoria humana ou a loucura divina podem proporcionar a um homem. Mas se se entregam a uma vida em comum sem filosofia, e contudo honesta, poderá suceder que os dois corcéis rebeldes assumam o domínio num momento de embriaguez ou de descuido. Os cavalos indomáveis dos dois amantes, dominando suas almas pela surpresa, os conduzirão ao mesmo fim. Eles se entregarão ao tipo de vida mais invejável aos olhos de vulgo, e se atirarão aos prazeres. Satisfeitos, gozarão ainda estes mesmos prazeres, mas raramente, porque esses mesmos

prazeres não terão aprovação da alma. Terão uma afeição que os ligará, mas que será sempre menos forte do que aquela que liga os que verdadeiramente amam.

Acalmado o delírio, ainda pensam estar unidos pelos mais preciosos compromissos. Creem que seria sacrílego desfazer essa união e abrir seus corações ao ódio. Terminada a experiência terrena, impacientes para tomarem novas asas, as almas abandonam os seus corpos, encerrando com recompensa o seu delírio amoroso. A lei divina não permite, aliás, àqueles que iniciaram sua jornada cósmica juntos, que caíam nas trevas subterrâneas. Esses passam uma vida feliz e cheia de ventura numa eterna união e, ao receberem asas, recebem-nas juntos, em virtude do amor que os uniu na terra.

São essas coisas divinas, rapaz, que te darão o amor daquele que ama com paixão. O amor que não tem paixão, daquele que apenas possui a sabedoria mortal e que se apega aos bens do mundo, só gera na alma do amado a prudência do escravo, à qual o vulgo dá o nome de virtude mas que o fará vagar, privado da razão, na terra e sob a terra durante nove mil anos.

É esta, ó Amor!, a mais bela e a melhor palinódia que te posso oferecer como expiação do meu crime. Se o meu discurso foi por demais poético, a culpa cabe a Fedro, que a isso me obrigou. Perdoa-me o meu primeiro discurso e recebe este com indulgência; lança sobre mim um olhar benevolente e amigo. Não esmoreças em mim essa arte de amar de que me fizeste o dom. Ao contrário, lembra-me sempre para que eu aprecie, cada vez mais, a beleza. Se Fedro e eu te ultrajamos grosseiramente, acusa disso Lísias, que gerou aquele discurso, e obriga-o a que se volte para a filosofia, que seu irmão Polemarco já segue, a fim de que seu amante, que me ouve, livre da incerteza que ora o assola, possa consagrar, sem preconceitos, toda sua vida ao amor que é orientado pela filosofia.

FEDRO: - Junto minha prece à tua, caro Sócrates, para que isso se realize. Quanto a teu discurso, ele me causa admiração, e tanto mais quanto sua beleza ultrapassa a do primeiro. Receio que Lísias se mostre impotente, caso queira escrever outro discurso para rivalizar com esse. Foi bem por causa disso, meu amigo, que um dos nossos políticos censurou a Lísias. Disse que ele escrevia demais, que era um “logógrafo”, um “escritor de discursos”. É bem possível até que Lísias, por amor próprio, desista de escrever.

SÓCRATES: - Que ideia singular, rapaz! Conheces muito mal o teu amigo se julgas que ele se incomoda de ser repreendido. Pensas também que esse crítico falou seriamente?

FEDRO: - Mostrava grande convicção, caro Sócrates. Além disso, sabes tão bem quanto eu que os homens mais poderosos e mais eminentes num Estado receiam escrever discursos e deixá-los à posteridade: temem que as gerações seguintes os taxem de sofistas.

SÓCRATES: - Tu pareces entender muito pouco das vicissitudes devidas à vaidade; além disso não percebes que os nossos políticos mais orgulhosos são os que mais adoram fazer discursos e deixá-los à posteridade. Quando confiam sua eloquência ao papel, mostram tanta afeição aos seus elogiadores que os mencionam um por um.

FEDRO: - Que queres dizer? Não te entendo.

SÓCRATES: - Será novidade para ti que, nos escritos de um político, vem em primeiro lugar o nome daquele que o elogia?

FEDRO: - Como assim?

SÓCRATES: - Diz, por exemplo: “o conselho decretou” ou “o povo decretou”, e, por vezes, “o conselho e o povo decretaram”. Segue-se o nome de quem falou, e nesta altura o autor fala solenemente de si, louvando-se, ostentando sua sabedoria aos que são do

seu partido, às vezes com grande abundância de palavras. Consideras um livro desse gênero algo diferente de um discurso escrito?

FEDRO: - Por certo que não.

SÓCRATES: - Ora, quando a coisa é aprovada, o autor sai do teatro muito satisfeito, mas quando a proposta é rejeitada falta-lhe pretexto para publicar o seu discurso, e este parece indigno de registro, de modo que tanto ele como seus partidários se entristecem.

FEDRO: - Perfeitamente.

SÓCRATES: - E é claro que se entristecem não porque desprezem esse costume, mas porque o admiram.

FEDRO: - Sim, é claro.

SÓCRATES: - Pensa também nisto: quando um rei é bastante hábil, quando tem o poder de um Licurgo, de um Sólon ou de um Dario para se tornar o imortal autor de discursos políticos, não considera ele a si próprio, em vida, como semelhante a um deus? E os pósteros, lendo-lhe as obras, não têm a mesma opinião a seu respeito?

FEDRO: - Exatamente.

SÓCRATES: - Acreditas que um homem dessa espécie, sendo inimigo de Lísias, o censure simplesmente porque ele escreve discursos?

FEDRO: - Aceitando teu argumento, isso não é provável; tal homem estaria repreendendo a si mesmo.

SÓCRATES: - Ora, é evidente para todos que a ocupação de escrever discursos, em si, não é coisa desonesta.

FEDRO: - Pois claro!

SÓCRATES: - Além disso, que é escrever bem e escrever mal? Meu querido Fedro: deveremos consultar Lísias e outros homens competentes sobre esta questão? Será necessário seu parecer para cada um que escreveu ou escreverá, quer sua atividade literária se relacione à política, quer à vista particular, quer ele escreva ritmicamente como poeta, quer em prosa como qualquer outro?

FEDRO: - Me perguntas se devemos fazer isso? Mas teríamos uma razão para viver se não fosse para esse prazer? É certo que tais prazeres não são de ordem dos que vêm precedidos de uma dor, indispensável ao prazer. Ora, esse é o caráter de todos os prazeres que estão ligados ao corpo, e por isso os chamam de servis.

SÓCRATES: - Creio que ainda temos tempo. Entretanto, parece-me que as cigarras, que no meio do dia costumam cantar e chiar acima de nossas cabeças, estão nos olhando. Se elas nos vissem a esta hora cochilando como homens comuns e sem assunto, como se o cansaço embotasse o nosso pensar, teriam o direito de rir de nós, e considerar-nos-iam como escravos que tivessem vindo visitá-las e procuraram este bonito lugar apenas para dormir à hora da canícula, como as ovelhas junto a uma fonte. Vendo, porém, que conversamos e prosseguimos nossa viagem sem nos deixarmos cativar, pelo seu canto de sereias, talvez se admirem e nos deem, de bom grado, o presente honorífico que receberam como favor dos deuses, a fim de conferi-lo aos homens.

FEDRO: - Elas possuem tal coisa? Não me parece que já tenha ouvido falar nisso.

O mito das cigarras

SÓCRATES: - Para um homem tão amigo das Musas não convém ignorá-lo. Dizem que as cigarras foram homens outrora, homens que viveram antes de terem nascido as Musas. Quando estas vieram ao mundo e tiveram início as canções, alguns daqueles homens deixaram-se cativar de tal modo que, embevecidos nelas, esqueceram-se de comer e de beber, até que morreram sem mesmo se dar conta. Desses homens provém o

gênero das cigarras, que recebeu das Musas o honroso privilégio de não precisar de alimento durante sua vida; sendo capazes de cantar, do nascimento à morte, sem comer nem beber. Vão elas ter com as Musas e lhes indicam os homens que aqui na terra lhes prestam culto. A Terpsícore dizem o nome dos que as honram dançando nos coros, e os tornam mais estimados por ela; a Erato apontam os que as exaltam com poesias amorosas, e assim a todas as outras, de acordo com a arte que presidem. À mais velha Musa, porém, a Calíope, e a Urânia, que nasceu depois dela, as cigarras dizem quais são os homens que se dedicam à filosofia e exercem a arte por elas protegida; pois essas duas cantam melodias mais belas do que todas as outras Musas; dirigem seus cantos ao céu e fazem discursos sobre as coisas divinas e sobre as humanas. Por esse motivo, ao meio-dia, temos de conversar sobre o que quisermos, mas nunca dormir.

FEDRO: - Sim, sim, conversemos!

As condições da obra de arte

SÓCRATES: - Pensemos pois sobre o que há pouco estávamos discutindo; examinaremos o que seja recitar ou escrever bem um discurso, e o seu contrário, fazê-lo mal.

FEDRO: - Isso mesmo.

SÓCRATES: - Pois bem: não será necessário que o orador seja bom conhecedor e de fato bem informado sobre a verdade do assunto de que vai tratar?

FEDRO: - A esse respeito, Sócrates, ouvi o seguinte: para quem quer tornar-se orador consumado não é indispensável conhecer o que de fato é justo, mas sim o que parece justo para a maioria dos ouvintes, que são os que decidem; nem precisa saber tampouco o que é bom ou belo, mas apenas o que parece tal - pois é pela aparência que se consegue persuadir, e não pela verdade.

SÓCRATES: - Não se deve desdenhar, caro Fedro, da palavra hábil, mas antes refletir sobre seu significado. O que acabas de dizer merece toda a nossa atenção.

FEDRO: - Tens razão.

SÓCRATES: - Examinemos, pois, essa afirmação.

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - Imagina que eu procuro persuadir-te a comprar um cavalo para defender-te dos inimigos, mas nenhum dos dois saiba o que seja um cavalo; eu, porém, descobri por acaso uma coisa: "Para Fedro, o cavalo é o animal doméstico que tem as orelhas mais compridas"...

FEDRO: - Isso seria ridículo, querido Sócrates.

SÓCRATES: - Um momento. Ridículo seria se eu quisesse seriamente persuadir-te a que escrevesse um panegírico do burro, chamando-o de cavalo e dizendo que é muitíssimo útil comprar esse animal para o uso doméstico, bem como para expedições militares; que ele serve para montaria de batalha, para transportar bagagens e para diversos outros misteres.

FEDRO: - Isso seria ainda ridículo.

SÓCRATES: - Um amigo que se mostra ridículo não é preferível a quem se revela como perigoso e nocivo?

FEDRO: - Não há dúvida.

SÓCRATES: - Quando um orador, desconhecendo o que seja a natureza do bem e do mal, encontra os seus concidadãos na mesma ignorância e os persuade, não a tomar a sombra de um burro por um cavalo, mas o mal pelo bem; quando, conhecedor dos preconceitos da multidão, ele a impele para o mau caminho - nesses casos, a teu ver, que frutos a retórica poderá recolher daquilo que ela semeou?

FEDRO: - Não pode ser muito bom fruto.

SÓCRATES: - Mas vejamos, meu caro: não teremos nós sido muito rigorosos em nossas censuras contra a arte retórica? Pode suceder que ela responda: “que estais a tagarelar, homens ridículos? Eu não obrigo ninguém - dirá ela - que ignore a verdade a que aprenda a falar. Mas aquele que seguir o meu conselho tratará de adquirir primeiro os conhecimentos acerca da verdade para, depois, se dedicar a mim. Mas uma coisa posso afirmar com orgulho: sem as minhas lições, a posse da verdade de nada servirá para persuadir”.

FEDRO: - E não teria ela razão dizendo isso?

SÓCRATES: - Reconheço que sim, desde que os argumentos usuais provem que de fato a retórica é uma arte; mas, se não me engano, tenho ouvido algumas pessoas atacá-la e provar que ela não é arte, mas sim um negócio que nada tem que ver com a arte. O lacônio declara: “não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem haverá jamais tal coisa”.

FEDRO: - Para demonstrá-lo, ó Sócrates, será necessário apresentar esses argumentos. Traze-os aqui, e vejamos o que eles dizem!

SÓCRATES: - Vinde, nobres criaturas! Convençei a Fedro, pai de belos filhos, de que, se não estudar convenientemente a filosofia, não poderá dissertar sobre coisa alguma! Mas tu, Fedro, responde!

FEDRO: - Pergunta.

A oratória

SÓCRATES: - Não te parece que a retórica seja a arte de dirigir as almas por meio de palavras, não só nos tribunais e outras reuniões públicas, mas também entre particulares, tanto nos grandes como nos pequenos assuntos? Não te parece ser tão louvável empregá-la, assim como deve ser empregada, nos negócios importantes como nos de pouca monta? Não é o que tens ouvido dizer sobre este assunto?

FEDRO: - Não é bem isso, por Zeus! Acima de tudo, fala-se e escreve-se com arte nos julgamentos e nas assembleias do povo. Quanto ao mais, nunca ouvi qualquer referência.

SÓCRATES: - Acaso não ouviste falar nas regras de retórica que Nestor e Ulisses escreveram perto de Ílion durante suas folgas? Não te falaram, também, das regras de Palamedes?

FEDRO: - Por Zeus que não! Nem das de Nestor e de Ulisses, a não ser que o teu Nestor seja Górgias e Trasímaco e Teodoro um Ulisses.

SÓCRATES: - Talvez. Mas deixemos de lado esses homens. Dize-me tu: como procedem nos tribunais os advogados dos litigantes? Não contradizem um ao outro? Ou não será bem assim?

FEDRO: - É exatamente assim.

SÓCRATES: - Eles contradizem pois um ao outro a respeito do justo e do injusto?

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - E quem fizer isso com arte não conseguirá que a mesma coisa pareça aos mesmos homens ora justa, ou injusta, como melhor lhe convier?

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - E nas assembleias do povo ele não conseguirá que que mesma coisa pareça aos cidadãos do Estado, por vezes boa e outras má?

FEDRO: - É justamente o que sucede.

SÓCRATES: - Não sabemos nós que o Palamedes eleático falava com tanta arte que a mesma coisa parecia aos seus ouvintes semelhante e dessemelhante, unidade e diversidade, imóvel e em movimento?

FEDRO: - Sim, sabemos.

SÓCRATES: - Ora, não só em tribunais e nas assembleias do povo há discussões e contradições; em toda sorte de discursos a arte, caso exista, deve ser a mesma, permitindo que tudo se possa comparar e lançar luz sobre as comparações, tornar claro o que o adversário procura confundir ou obscurecer.

FEDRO: - Como a entendes tu, Sócrates?

SÓCRATES: - Nossa indagação vai esclarecê-lo. Entre quais coisas é mais fácil que haja engano: nas que diferem muito ou pouco entre si?

FEDRO: - Nas que diferem pouco.

SÓCRATES: - E o engano será menos notado se passarmos gradualmente de uma causa para o seu contrário, do que se o fizermos de um só salto?

FEDRO: - Evidentemente.

SÓCRATES: - Pois bem: quem quer iludir alguém, sem se deixar iludir, deve conhecer com exatidão e detalhadamente a semelhança e dessemelhança dos objetos.

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - Um homem que não conhece as verdadeiras qualidades de cada coisa será capaz de perceber a maior ou menor semelhança entre um objeto desconhecido e os que já lhe são familiares?

FEDRO: - É impossível.

SÓCRATES: - Torna-se pois evidente que aqueles cuja opinião não corresponde à realidade e que têm dela conceito errôneo, caem em tal erro porque foram iludidos por certas semelhanças.

FEDRO: - Sim, claro.

SÓCRATES: - E se um homem ignorar as verdadeiras qualidades das coisas não poderá passar pouco a pouco da realidade ao seu contrário, utilizando a sua arte por meio de semelhanças. Ou ser-lhe-á possível defender-se contra isso?

FEDRO: - Nunca.

SÓCRATES: - Logo, meu caro amigo, quem não conhece a verdade, mas só alimenta opiniões, fará naturalmente da arte retórica uma coisa ridícula que não merece o nome de arte.

FEDRO: - Parece que sim.

SÓCRATES: - Queres que procuremos agora, no discurso de Lísias que trazes contigo, bem como nos outros dois que pronunciamos, quais as coisas que chamamos de arte e quais as que não o são?

FEDRO: - Nada me daria maior prazer do que isso, pois até agora estivemos falando em regras abstratas; sem mencionar exemplos.

SÓCRATES: - Parece que, por felicidade, os dois discursos contêm este exemplo: aquele que possui a verdade pode, facilmente, iludir seus ouvintes. Eu, porém, caro Fedro, atribuo isso aos deuses deste lugar; mas pode ser também que os arautos das Musas, os cantores acima de nossa cabeça, nos tenham inspirado; porque eu não tenho nenhum conhecimento da arte retórica.

FEDRO: - Pode ser; mas explica o que dizes!

SÓCRATES: - Então lê o exórdio do discurso de Lísias.

FEDRO: - “Conheces os meus sentimentos e, como já me ouviste dizer, acredito que nos será proveitosa a realização deste desejo. Confio em que meu pedido não será feito em vão, pois não sou teu amante. Os amantes, com efeito, ao saciarem sua concupiscência, arrependem-se...”

SÓCRATES: - Basta. Devemos verificar qual é o erro do autor e em que ponto ele não se mostra à altura de sua arte, não é verdade?

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - Não é evidente que estamos de acordo em certos pontos e em outros temos opiniões diferentes?

FEDRO: - Acho que entendo o que queres dizer, mas fala com mais clareza!

SÓCRATES: - Quando alguém usa as palavras “ferro” ou “prata”, não pensamos todos a mesma coisa?

FEDRO: - Naturalmente.

SÓCRATES: - Mas quando alguém diz “justo” ou “bom”, não pensa um numa coisa e outro noutra? Não discordamos a esse respeito uns dos outros e até de nos mesmos?

FEDRO: - Sim, muito.

SÓCRATES: - Muito bem; então em alguns assuntos concordamos; em outros não.

FEDRO: - Assim é.

SÓCRATES: - Em que assuntos podemos ser iludidos com mais facilidade? Em qual dos dois casos a arte retórica tem mais poder?

FEDRO: - Evidentemente, em assuntos incertos e duvidosos.

SÓCRATES: - Segue daí que quem quiser dedicar-se à arte retórica, deve primeiro ter distinguido entre esses dois gêneros de assuntos e compreendido o caráter de cada um deles; deve também saber em que casos a massa do povo duvida e em que casos a dúvida é impossível.

FEDRO: - O orador que alcançasse isso, caro Sócrates, possuiria por certo muita habilidade.

SÓCRATES: - Sim, esse homem nunca teria dúvida, perceberia logo a qual dos dois gêneros pertence o assunto sobre que pretende falar.

FEDRO: - É claro.

SÓCRATES: - Mas então, que diremos de Eros? Será ele um caso de dúvida, ou não?

FEDRO: - Evidentemente, é um dos assuntos sobre os quais paira dúvida. Ou acreditas que Eros te permitiria dizer o que há pouco disseste dele, afirmando primeiro que é uma desgraça para o amado, e depois descrevendo-o como o maior dos bens?

SÓCRATES: - Falaste muito bem. Mas dize-me ainda uma coisa, pois, devido ao meu entusiasmo não me recordo bem: no início do meu discurso, dei uma definição do amor?

FEDRO: - Sim, por Zeus, e uma definição excelente.

SÓCRATES: - Oh! então as ninfas do Aqueloo e o Pã de Hermes devem possuir muito mais arte quanto a discursos do que Lísias, o filho de Céfalo! Ou porventura estarei enganado? Deu-nos Lísias, no começo do seu discurso sobre o amor, uma definição de Eros? Ordenou ele o discurso de acordo com essa definição para assim o realizar? Queres ver mais uma vez o princípio do discurso?

FEDRO: - Se quiseres, eu o farei; mas o que procuras não está aqui.

SÓCRATES: - Lê, para que eu mesmo ouça o que ele diz!

FEDRO: - “Conheces os meus sentimentos e, como já me ouviste dizer, acredito que nos será proveitosa a realização deste desejo. Confio em que meu pedido não será feito em vão, pois não sou teu amante. Os amantes, com efeito, ao saciarem sua concupiscência, arrependem-se das vantagens que ofereceram...”

SÓCRATES: - Este homem, ao que parece, está muito longe de oferecer-nos o que procuramos. Não começa o discurso pelo princípio, mas pelo fim, como alguns que tentam nadar de costas. Começa por examinar o que o amante poderia dizer ao amado depois de terminado o amor. Ou não será assim, Fedro?

FEDRO: - Sim, Sócrates, ele só trata do fim.

SÓCRATES: - E que mais diremos? Não te parece que as frases do discurso estão mal ordenadas? Nota-se que a segunda frase deveria necessariamente ocupar o segundo

lugar, mas que o mesmo se poderia dizer das demais frases. Não sou competente em matéria de discursos, mas este me deu a impressão de que o autor deitou ao papel sem muito cuidado o que lhe veio à cabeça. Conheces tu alguma regra de retórica que possa justificar a ordem adotada por ele?

FEDRO: - Lisonjeias-me se pensas que eu seja capaz de penetrar todos os artificios da eloquência de Lísias.

SÓCRATES: - Mas acho que convirás nisto: todo o discurso deve ser constituído como um ser vivo e ter um organismo próprio; não deve lhe faltar a cabeça nem os pés, e tanto os órgãos centrais como os externos devem estar dispostos de modo a se ajustarem uns aos outros, e também ao conjunto.

FEDRO: - Naturalmente.

SÓCRATES: - Ora, examina o discurso do teu amigo; dize-me se ele é assim! Verás que se assemelha muito à inscrição que, segundo alguns, foi gravada no sepulcro de Mídas, rei da Frígia.

FEDRO: - Que inscrição?

SÓCRATES: - Esta:

“Sou uma virgem de bronze e repouso no sepulcro de Mídas. Enquanto correr a água e as altas árvores voltares a ser verdes.

De pé, sobre este túmulo regado de lágrimas,

Direi a todos que passam: aqui repousa Mídas.”

Sem dúvida, já deves ter notado que qualquer desses versos pode ocupar indiferentemente o primeiro ou o último lugar.

FEDRO: - Estás zombando do nosso discurso, caro Sócrates!

SÓCRATES: - Vamos então deixá-lo de lado, para que não te enfades, embora esse discurso ofereça vários exemplos cujo exame poderia ser muito útil a alguém que quisesse imitá-lo. Dirigiremos nossa atenção aos outros discursos, pois, a meu ver, eles contêm uma particularidade importante para os que desejam discutir sobre a arte oratória.

FEDRO: - A que te referes?

SÓCRATES: - Os dois discursos se contradizem. Um afirmava que se devem conceder favores ao apaixonado, e o outro, ao não apaixonado.

FEDRO: - E afirmaram-no com muita habilidade.

SÓCRATES: - Esperava que falasses a verdade, dizendo com muito furor: Não dissemos justamente que o amor é uma espécie de delírio?

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - Mas há dois tipos de delírio: um nasce de uma moléstia da alma, o outro de um estado divino que nos leva além das regras habituais.

FEDRO: - Perfeitamente.

SÓCRATES: - Em seguida, classificamos o delírio divino em quatro espécies: um era o sopro profético de Apolo; outro, a inspiração mística de Dionísio; o terceiro, o delírio poético inspirado pelas Musas, e finalmente, a quarta espécie de delírio devia-se à influência de Afrodite e de Eros. Afirmamos que o delírio causado pelo amor é o melhor de todos. Não só como, nós que também somos atingidos pelo sopro do deus do amor, afastando e aproximando-nos da verdade ao fazer um discurso ao qual não faltava sentido - pudemos compor um hino mitológico ao amor, o deus dos jovens, o teu, o meu deus.

FEDRO: - Não foi sem prazer que ouvi esse panegírico.

O método dialético

SÓCRATES: - Queres que examinemos, a esse respeito, a questão de como um discurso pode passar da condenação ao elogio?

FEDRO: - Que queres dizer?

SÓCRATES: - Parece-me que tudo o que dissemos até aqui foi mero passatempo. Mas o acaso nos serviu e nos levou a perceber que há duas maneiras de proceder, que não são sem interesse, desde que se possa compreender a passagem da condenação ao elogio.

FEDRO: - E quais são tais procedimentos?

SÓCRATES: - O primeiro é este: é abarcar num só golpe de vista todas as ideias esparsas de um lado e do outro, e fundi-las numa só ideia geral a fim de poder compreender, graças a uma definição exata, o assunto de que se deseja tratar. Assim foi que ainda há pouco demos do amor uma definição, que podia ser boa ou má, mas que ao menos trouxe clareza e ordem ao nosso discurso.

FEDRO: - Mas qual é o outro processo?

SÓCRATES: - É saber separar novamente a ideia geral nos seus elementos, nas suas articulações naturais, sem todavia mutilar qualquer dos elementos primitivos, como faz um mau açougueiro. Os nossos dois discursos de há pouco apresentaram, primeiro, como vimos, uma ideia geral do delírio. A seguir, do mesmo modo que a unidade do nosso corpo abarca, sob o mesmo nome, os membros do lado esquerdo e do lado direito, também esses nossos discursos fizeram derivar dessa definição geral do delírio, duas noções distintas: uma que focalizou tudo que era errado e acumulou o amor infeliz de injúrias bem merecidas. Outra, que tomou o lado direito, certo, e foi ao encontro de um outro amor, que tem o mesmo nome, mas cujo princípio é divino, e que, cumulando-o de elogios, o apresentou como sendo a fonte dos maiores bens.

FEDRO: - Tu falas com acerto!

SÓCRATES: - Ora, caro Fedro, eu também sou muito amigo desta maneira de compor e decompor as ideias. É a melhor maneira de aprender a falar e a pensar. E quando me convenço de que alguém é capaz de apreender, ao mesmo tempo o conjunto e os detalhes de um objeto, sigo esse homem como se caminhasse nas pegadas de um deus. E aos que têm esse talento - deus sabe se tenho razão em assim falar - sempre chamei de “dialéticos”. Dize-me, porém, como chamaremos os que aprendem contigo e com Lísias. Talvez seja essa a arte retórica graças à qual Trasímaco e os seus pares se tornaram hábeis oradores, instruindo também a outros que, em troca, lhes ofereceram presentes como se eles fossem reis.

FEDRO: - Esses homens têm com efeito fama de reis, mas sem dúvida alguma ignoram a arte de que falas. Acho que tens razão em chamar ao gênero por ti discutido de “dialético”. Entretanto, sobre a arte retórica pareces ter fugido à nossa conversa.

SÓCRATES: - Que dizes? Haverá na arte da palavra alguma parte distinta da dialética? Não devemos desprezar a retórica. Vejamos em que consiste essa retórica da qual ainda não falamos.

FEDRO: - Não são poucos, caro Sócrates, os preceitos contidos nos livros que tratam dela.

SÓCRATES: - Foi bom o teres mencionado! Creio que todo discurso deve começar por uma introdução. Tu te referes aos ornamentos da arte, não é verdade?

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - Em segundo lugar vem a exposição, acompanhada de depoimentos de testemunhas, em terceiro as provas e em quarto as presunções. Se não me engano, o

grande bizantino, o Dédalo dos discursos, fala também numa confirmação e numa pós-confirmação.

FEDRO: - Refere-se ao grande Teodoro?

SÓCRATES: - Justamente. E ele também afirmou que o orador que faz uma acusação ou uma defesa deve apresentar uma refutação e uma pós-refutação. Não deixemos tampouco de mencionar o admirável Eveno de Paros, que inventou a alusão e os elogios acrescentados. Há quem diga que ele se refere também à “censura acrescentada”, falando ritmicamente para ajudar a memória. Como Eveno é sábio! Mas deixaremos de lado Tísias e Górgias? Esses descobriram que o provável deve ser mais respeitado que o verdadeiro, e chegaram até a provar, pela força da palavra, que as coisas miúdas são grandes e que as grandes são pequenas, que o novo é antigo e que o velho é novo. Mostraram finalmente como se fala com poucas palavras e como se pode pronunciar um discurso de tamanho infinito. Quando contei isso a Pródico, o grande orador riu e afirmou que ele estava de posse do melhor método da arte retórica. É mister, segundo ele, evitar a concisão e a prolixidade; o que se deve fazer é ficar sempre nos limites convenientes.

FEDRO: - Falou com muita sabedoria, Pródico!

SÓCRATES: - E não mencionaremos Hípias? Creio que até o amigo eleata concorda com ele.

FEDRO: - Como não?

SÓCRATES: - E que diremos das regras retóricas de Polos? Ele fala em consonância, em repetições, em abuso de provérbios, alegorias, e demais termos recolhidos nas lições de Licínio, que o ensinaram a fazer belos discursos.

FEDRO: - E Protágoras, caro Sócrates? Não formulou também regras semelhantes?

SÓCRATES: - Sim, meu rapaz. Protágoras era notável pela habilidade no falar e ainda por outras qualidades. Mas quanto à arte de suscitar piedade em favor da velhice e da pobreza - ninguém ultrapassou nesse ponto o eloquente Calcedônio, pois a todos levou a palma. Sabia despertar a ira dos ouvintes para depois acalmá-los com suas fórmulas mágicas, como dizia ele. Tinha o talento de caluniar e desfazer as calúnias que tivessem sido levantadas.

Quanto ao fim do discurso, alguns o chamam “peroração” e outros lhe dão outros nomes, mas a mim se afigura ser um simples amontoado de frases.

FEDRO: - Tu te referes à recapitulação final, em que os ouvintes são lembrados de tudo que se disse.

SÓCRATES: - Isso mesmo. Mas talvez possas dizer mais alguma coisa sobre a arte retórica.

FEDRO: - Além do que dissemos, só sei coisas sem importância. Não vale a pena falar nelas.

SÓCRATES: - Deixaremos de lado as coisas sem importância, e traremos à luz outra questão: que poder resulta do exercício dessa arte e em que ocasiões ele se revela?

FEDRO: - Esse poder é imenso, Sócrates, sobretudo nas grandes aglomerações populares.

SÓCRATES: - É verdade. Mas, meu divino amigo, reflète e dize-me se o tecido que ali tecem te parece tão frouxo quanto a mim.

FEDRO: - Explica-te!

SÓCRATES: - Ouve: se alguém viesse procurar teu amigo Erixímaco ou o pai dele, Acumeno, e lhes dissesse: “eu sei fazer muitas coisas com o organismo de um homem; sou capaz de fazer com que ele transpire ou sinta frio, sei provocar vômitos quando isso me parece oportuno e obrigá-lo a evacuar quando quero; sei fazer muitas outras coisas desse gênero, e por isso acho que sou médico e julgo-me capaz de ensinar a medicina a

outros, transmitindo-lhes os conhecimentos que mencionei” - que supões tu que responderiam eles?

FEDRO: - De que modo poderiam responder, senão perguntando se ele também sabia a que pessoas devia aplicar esses tratamentos e quando e durante quanto tempo?

SÓCRATES: - Mas que diriam os médicos se esse homem respondesse: isso não sei, mas exijo que os meus alunos sejam capazes de determinar por si mesmos o modo de aplicação desses tratamentos.

FEDRO: - Creio que os médicos o considerariam louco, por julgar que se tornou médico depois de haver estudado essas coisas num livrinho ou descoberto por acaso alguns remédios, embora realmente nada conheça sobre medicina.

SÓCRATES: - E se alguém viesse ter com Sófocles e Eurípides, dizendo-se capaz de fazer longos discursos em verso sobre pequenos fatos, ou pequenos poemas sobre grandes coisas, compor à vontade poemas que despertem compaixão ou medo, poemas ameaçadores e muitas outras coisas desse gênero? Se um homem desses afirmasse estar convencido de que ensina a arte de fazer tragédias transmitindo tais conhecimentos a outras pessoas?

FEDRO: - Também esses luminares escarneceriam, segundo penso, de quem acreditasse que compor uma tragédia nada mais é que ajuntar tais veros de modo que se encaixem uns nos outros, formando assim um todo orgânico.

SÓCRATES: - Creio, entretanto, que não os brindariam com ofensas grosseiras. Também um músico que encontrasse por acaso um homem convencido de ter competência na arte da harmonia, só porque aprendeu a afinar uma corda para obter a nota mais aguda e a mais grave - também esse não lhe falaria com rudeza, exclamando: “Palerma, tu não regulas bem da bola!” Admoestá-lo-ia com brandura, deste modo: “Meu caro amigo, quem quer tornar-se músico deve saber também isso, mas alguém que tenha a tua habilidade pode ser que ignore completamente a teoria da harmonia; tu tens os conhecimentos preliminares necessários para aprender essa teoria, mas quanto à teoria da harmonia, tu não a conheces.”

FEDRO: - Exatamente.

SÓCRATES: - Com certeza, também Sófocles assim diria ao homem que lhe viesse mostrar os seus trabalhos. Diria que tais coisas são os preliminares da tragédia, mas não a arte trágica propriamente dita; e Acumeno responderia ao outro que os seus conhecimentos são tão só preparatórios da medicina, mas não a medicina.

FEDRO: - De pleno acordo.

SÓCRATES: - E que mais? Que pensaremos de Adrasto, cujos discursos são doces como o mel? E de Péricles? Se eles ouvissem o que nós dissemos há pouco sobre as belas regras, a grandeza do discurso, as imagens de que convém orná-lo e as outras coisas que resolvemos trazer à luz, falariam com pouca delicadeza, assim como nós aos que escreveram tais regras e as ensinaram oralmente? Pronunciariam eles uma palavra rude ou grosseira contra os que chamam a isso retórica? Ou, sendo mais inteligentes, diriam: “Caro Fedro e caro Sócrates! Não se deve blasfemar, mas perdoar, se alguns que não sabem pensar não souberem definir o que é retórica; esses homens, pela sua falta de discernimento, só adquiriram o saber introdutório indispensável a essa arte, e acreditam ter aprendido a própria retórica; ensinam esse saber a outros e julgam poder formar oradores perfeitos, achando que os seus pupilos devem tentar falar sobre qualquer coisa de modo convincente e compor um todo orgânico nos seus discursos, como se nisso não houvesse dificuldade alguma”.

FEDRO: - Sim, caro Sócrates, parece ser mais ou menos essa a arte que os homens de quem falaste ensinam como sendo a retórica, e sobre a qual escrevem livros

didáticos. Acredito que disseste a verdade. Mas como e onde poderia alguém adquirir a arte do verdadeiro orador?

Condições da retórica

SÓCRATES: - A possibilidade, Fedro, de se tornar um bom atleta, apresenta-se provável e necessariamente, da mesma maneira. Se a eloquência for da tua natureza, serás um orador apreciado, com a condição de juntares a isso saber e exercício. Mas se uma dessas condições te faltar, hás de ser um orador imperfeito. E para a arte que corresponde a essa possibilidade, não creio que será no caminho de Lísias e de Trasímaco que o seu método há de aparecer.

FEDRO: - Mas então em que caminho?

SÓCRATES: - O mais perfeito de todos na arte retórica, meu caro amigo, foi, parece, Péricles.

FEDRO: - Concordo.

SÓCRATES: - Toda arte levada ao sumo grau deve basear-se em pesquisas e meditações sobre a natureza. Disso é que parece advir-lhes a elevação e a perfeição. Péricles acrescentou esses valores às suas outras capacidades naturais. Tendo conhecido Anaxágoras, homem que em tais coisas era admirável, dedicou-se às pesquisas físicas, estudou a natureza do espírito e a autoridade de espírito (assuntos de que Anaxágoras falou fartamente) e transfundiu-as para a sua arte retórica, com o que ela muito lucrou.

FEDRO: - Que queres dizer?

SÓCRATES: - Com a arte retórica se passa mais ou menos a mesma coisa que com a medicina.

FEDRO: - Como?

SÓCRATES: - Deves pensar, naturalmente, que as duas artes são bem distintas pela natureza do seu objeto: uma se relaciona ao corpo, a outra com a alma. Tens de levar isso em conta se quiseres, não só pela prática e por regras empíricas, mas de acordo com a arte, uma dar saúde e força, ministrando remédios e alimentos, e outra infundir a convicção que desejas, tornando o homem virtuoso mediante discursos e argumentos legítimos.

FEDRO: - Sim, é muito provável.

SÓCRATES: - E acreditas que seja possível conhecer a natureza da alma sem conhecer o universo?

FEDRO: - Se dermos crédito a Hipócrates, que é um Asclepiades, nem sequer o corpo se pode conhecer sem tal método.

SÓCRATES: - Pois ele tem razão, meu amigo! Mas, além do que disse Hipócrates, devemos consultar também a razão e verificar se ela concorda com essa afirmação.

FEDRO: - Penso da mesma maneira.

SÓCRATES: - Vejamos, pois, o que dizem Hipócrates e a razão sobre a natureza! Não é esse o procedimento para se determinar as características de qualquer objeto? Primeiro, é necessário se determinar se aquilo que desejamos conhecer, ou sobre o qual pretendemos instruir alguém, é simples ou multiforme. Depois, no caso de ser simples, precisamos saber que capacidades ele tem, por natureza, de influenciar outras coisas ou de ser influenciado por elas. Se, porém, se tratar de um objeto que comporta uma pluralidade de formas, temos de enumerar todas as suas partes e, após enumerá-las, fazer o que já havíamos feito para o caso simples com cada uma das partes enumeradas. Qual dessas partes é capaz de produzir uma ação? E que influência exerce essa ação?

FEDRO: - Pareces ter razão, Sócrates.

SÓCRATES: - Quem não segue esse método é como se caminhasse às cegas. Mas quem examina uma coisa de acordo com a arte não pode ser comparado a um cego nem a um surdo e, obviamente, quem expõe um assunto artisticamente deve definir com exatidão a natureza desse assunto. Ora, tal assunto é a alma.

FEDRO: - Isso mesmo.

SÓCRATES: - É esse, pois, o objeto do seu esforço. A persuasão é o que ele, orador, se esforça para produzir. Não é isso?

FEDRO: - Claro que é.

SÓCRATES: - Logo, é evidente que Trasímaco e os outros, que procuram ensinar a arte retórica, deveriam antes descrever com exatidão o que é a alma e mostrar-nos se ela é por natureza uma coisa simples, ou se, como o corpo, é multiforme. Isso é o que se chama definir a natureza de um objeto.

FEDRO: - Perfeitamente.

SÓCRATES: - Em segundo lugar nos mostrarão qual seja a ação que, por sua natureza, a alma é capaz de exercer sobre outras coisas, e qual a influência que pode sofrer por parte dessas.

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - Em terceiro lugar, deve-se classificar os gêneros de discursos e de almas, mostrar as influências que estes sofrem e as causas de tais influências, relacionar cada gênero do primeiro grupo com cada um do segundo e ensinar por qual espécie de discursos cada gênero de almas é necessariamente persuadido, apontar as causas de tal fato, e as razões pelas quais outros gêneros não se deixam convencer.

FEDRO: - Na verdade, esse parece ser o melhor método.

SÓCRATES: - Evidentemente, meu amigo. A não ser desse modo, nem este assunto nem outro qualquer poderá ser discutido ou descrito com arte. Mas os que atualmente escrevem sobre a arte de compor discursos, os homens que tu conheces, são astutos: têm conhecimentos sobre a alma, mas escondem-nos. Entretanto, não daremos crédito à sua arte enquanto não falarem e escreverem da seguinte maneira...

FEDRO: - De que maneira?

SÓCRATES: - Não é muito fácil exprimi-lo com palavras. Direi, porém, de um modo geral, como se deve escrever para que a exposição seja tão artística quanto o assunto o permite.

FEDRO: - Então dize!

SÓCRATES: - Visto que a força da eloquência consiste na capacidade de guiar as almas, aquele que deseja tornar-se orador deve forçosamente conhecer quais formas existem na alma. Elas são em certo número e têm as suas respectivas qualidades. É por isso que os homens têm caracteres diferentes. Depois de classificar as almas desse modo, deverá distinguir, também, cada espécie de discurso em suas diferentes qualidades.

Desse modo, há homens que serão persuadidos por certos discursos, enquanto os mesmos argumentos terão pouca ação sobre a alma de outros.

É mister que o orador que aprofundou suficientemente os seus conhecimentos seja capaz de discernir rapidamente, na vida prática, o momento exato em que é oportuno usar uma ou outra forma de argumentação. Se assim não for, ele nunca saberá mais do que sabia quando ainda andava na escola. Quando for capaz de dizer por qual espécie de discurso se pode levar à persuasão as mais diferentes almas, quando, posto à frente de um indivíduo, ele souber ler no seu coração e souber reconhecer para si mesmo: eis o homem, eis o caráter que os meus mestres pintaram. Quando souber aplicar a esse homem o discurso apropriado, quando possuir todos esses conhecimentos, quando souber discernir o momento em que deve se calar ou falar, quando souber empregar ou

evitar o estilo conciso ou despertar com amplificações grandiosas e dramáticas a paixão, só então a sua arte será consumada e perfeita. Mas se esquecer uma dessas regras ao falar em público, ao escrever ou ao dar lições, e apesar disso se considerar senhor da sua arte, teremos plena razão em não acreditar nisso.

Entretanto, o autor de um livro sobre retórica poderia nos perguntar: “Que dizies, Fedro e Sócrates? Porventura não se pode reconhecer outro gênero de arte retórica? Ou julgais que isso é suficiente?”

FEDRO: - Impossível, caro Sócrates! O que convém é outra coisa. Entretanto, isso não parece ser nada fácil.

Verdade e probabilidade

SÓCRATES: - Tens razão. Por isso mesmo é preciso que examinemos a nossa pesquisa por todos os lados para descobrir se não haverá por acaso um caminho mais curto e mais fácil, e para que a nossa indagação não se desvie por uma estrada longa e áspera, havendo outra mais breve e cômoda.

Se souberes, porém, de alguma coisa que nos possa ajudar, alguma coisa ouvida de Lísias ou de outro, procura lembra-se e dize-me o que é!

FEDRO: - A título de tentativa, é possível que tenha conversado sobre tal coisa, mas ainda não sou bastante competente para te esclarecer a respeito.

SÓCRATES: - Queres que eu te fale numa tese que ouvi de outros sobre esse assunto?

FEDRO: - Peço-te que o faças.

SÓCRATES: - Pelo menos, caro Fedro, dizem que é justo defender até a causa do lobo.

FEDRO: - Pois bem, obedece ao provérbio!

SÓCRATES: - Dizem os retóricos que não é necessário considerar a coisa de modo tão solene nem fazer tantos rodeios. Já no começo da nossa conversa discutimos o seguinte ponto: para ser bom orador não é necessário conhecer a verdade a respeito do que é bom e justo nas ações que os homens praticam, quer da sua natureza, quer por educação. Nos tribunais, portanto, ninguém se preocupa com o conhecimento da verdade, mas só se cuida de saber o que é verossímil. Em consequência, quem quer fazer discursos com arte deve dirigir a atenção ao que é provável. Muitas vezes, numa acusação ou numa defesa, não convém revelar o que aconteceu de fato, caso não seja verossímil, mas só se deve dizer o que parece ser verdadeiro. Durante o discurso, o orador só deve atentar ao que é convincente e deixar de lado a realidade. Tais são as regras que se devem observar nos discursos, e nisso consiste toda a arte.

FEDRO: - Isso, caro Sócrates, é realmente o que dizem os que pretendem ser autoridade em oratória. Sim, eu me lembro de que já havíamos tocado nisso. Pelo visto, os que se dedicam à arte da retórica consideram esse ponto muito importante.

SÓCRATES: - Mas tu conheces bem as regras de Tísias. O próprio Tísias nos dirá, pois, se o que ele considera verossímil não é o que parece tal à multidão.

FEDRO: - Como poderia ele pensar de outro modo?

SÓCRATES: - Ele apresentou, ao que parece, o seguinte exemplo muito hábil e técnico: quando um homem fraco, mas corajoso, ataca um homem forte, mas covarde, rouba-lhe a túnica ou qualquer outro objeto e ambos são conduzidos ao tribunal, nenhum deles deve dizer a verdade; o covarde deve declarar que o outro não estava só quando o atacou; o corajoso, pelo contrário, tratará de provar que os dois estavam sós e acrescentará: “como ousaria eu atacar tal homem?” O outro, naturalmente, para não confessar sua covardia, inventará novas mentiras, que confundirão o acusado. Também

em relação a outros assuntos, as regras da arte retórica são mais ou menos semelhantes a essa. Não é verdade, Fedro?

FEDRO: - É isso mesmo!

SÓCRATES: - Parece, pois, que foi preciso grande habilidade para descobrir uma arte tão profunda, quer ela tenha sido inventada por Tísias ou por outro qualquer, e disso gabam-se os retóricos. Caro amigo, devemos ou não devemos dizer-lhe?...

FEDRO: - O quê?

SÓCRATES: - Isto: já muito antes de apareceres, ó Tísias, havíamos chegado à conclusão de que a verossimilhança domina o espírito da grande massa pela semelhança que tem com a verdade. Mostramos, ainda há pouco, que quem conhece a verdade será capaz de discernir com exatidão o que é provável. Se tiveres mais alguma coisa a dizer sobre a arte retórica, ouviremos com prazer. Se não tiveres, será bom não nos afastarmos do que estabelecemos: quem não classificar os caracteres de seus futuros ouvintes, quem não for capaz de dividir por gêneros o existente e reunir objetos individuais numa única ideia nunca será um artista retórico dentro dos limites humanos. Isso não se consegue sem grande esforço, e quem for sensato não empreenderá tal coisa apenas para se exibir perante os homens, mas sim com o propósito de dizer o que agrada aos deuses e colocando nisso toda a sua energia, assim como desejam os deuses. Eis, ó Tísias, o que dizem homens mais sábios do que nós: aquele que tem discernimento não procurará agradar os seus companheiros de escravidão, mas sim aos seus amos de origem celeste. Não pasmes diante da extensão do caminho, pois ele só deve ser trilhado em busca de coisas elevadas, e não para os fins que imaginas. Mas a razão nos mostra que, se alguém porventura o desejar, também conseguirá atingir esse fim magnífico por outra via, diferente da tua.

FEDRO: - Disseste muito bem, Sócrates. Se, com efeito, alguém for capaz de desejá-lo...

SÓCRATES: - Mas para o homem que pretende possuir o que é belo, belo também será enfrentar os trabalhos que a beleza lhe impõe.

FEDRO: - Naturalmente.

SÓCRATES: - Bem, já distinguimos suficientemente a arte retórica daquela atividade retórica que não merece o nome de arte.

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - Só resta, então, falar sobre o que convém e o que não convém escrever, e examinar quando essa arte é bem ou mal empregada. Está certo?

FEDRO: - Sim.

SÓCRATES: - Sabes tu como se pode ser mais agradável aos deuses, em ações ou em discursos?

FEDRO: - Não; e tu sabes?

SÓCRATES: - Tenho vontade de contar-te uma história transmitida pelos antigos; se ela é verdadeira ou não, só deus o sabe. Afinal, se nós pudéssemos conhecer a verdade, haveríamos de nos preocupar com o que dizem os homens?

FEDRO: - O que dizes é curioso. Conta-me essa história que dizes ter ouvido!

A invenção da escrita

SÓCRATES: - Bem, ouvi dizer que na região de Náucratis, no Egito, houve um dos velhos deuses daquele país, um deus a que também é consagrada a ave chamada íbis. Quanto ao deus, porém, chamava-se Thoth. Foi ele que inventou os números e o cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo de damas e os dados, e também a escrita. Naquele tempo governava todo o Egito, Tamuz, que residia ao sul do país, na grande

cidade que os egípcios chamam Tebas do Egito, e a esse deus davam o nome de Amon. Thoth foi ter com ele e mostrou-lhe as suas artes, dizendo que elas deviam ser ensinadas aos egípcios. Mas o outro quis saber a utilidade de cada uma, e enquanto o inventor explicava, ele censurava ou elogiava, conforme essas artes lhe pareciam boas ou más. Dizem que Tamus fez a Thoth diversas exposições sobre cada arte, condenações ou louvores cuja menção seria por demais extensa. Quando chegaram à escrita, disse Thoth: “Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria.” Responde Tamuz: “Grande artista Thoth! Não é a mesma coisa inventar uma arte e julgar da utilidade ou prejuízo que advirá aos que a exercerem. Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só se lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventastes um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação. Transmites para teus alunos uma aparência de sabedoria, e não a verdade, pois eles recebem muitas informações sem instrução e se consideram homens de grande saber, embora sejam ignorantes na maior parte dos assuntos. Em consequência, serão desagradáveis companheiros, tornar-se-ão sábios imaginários ao invés de verdadeiros sábios.

FEDRO: - Com que facilidade, Sócrates, inventas histórias egípcias assim como de outras terras, quando isso te apraz!

SÓCRATES: - Caro amigo! Dizem alguns que as primeiras profecias foram feitas por um carvalho do templo de Zeus em Dodona. Os homens daquele tempo, evidentemente, não eram tão sábios como os da nossa geração, e como eram ingênuos, era para eles suficiente ouvir o que lhes dizia um carvalho ou uma rocha; para eles, a única coisa importante era que se lhes dissesse a verdade. Mas a ti talvez faça diferença saber quem disse uma determinada coisa e de que terra ele provém. Não te basta examinar se essa coisa é verdadeira ou falsa.

FEDRO: - Tua repreensão é justa. Mas, com respeito à arte da escrita, acho que o tebano tinha de fato razão.

SÓCRATES: - Imagina que alguém expõe por escrito as regras da sua arte e um outro aceita o livro como sendo a expressão de uma doutrina clara e profunda; esse homem seria tolo, pois, não entendendo a advertência profética de Amon, atribuiria a teorias escritas mais valor do que o de um simples lembrete do assunto tratado. Não é assim?

FEDRO: - Perfeitamente.

SÓCRATES: - O uso da escrita, Fedro, tem um inconveniente que se assemelha à pintura. Também as figuras pintadas têm a atitude de pessoas vivas, mas se alguém as interrogar conservar-se-ão gravemente caladas. O mesmo sucede com os discursos. Falam das coisas como se as conhecessem, mas quando alguém quer informar-se sobre qualquer ponto do assunto exposto, eles se limitam a repetir sempre a mesma coisa. Uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda parte, não só entre os conhecedores mas também entre os que o não entendem, e nunca se pode dizer para quem serve e para quem não serve. Quando é desprezado ou injustamente censurado, necessita de auxílio do pai, pois não é capaz de defender-se nem de se proteger por si.

FEDRO: - Também neste ponto tens toda a razão.

SÓCRATES: - Examinemos agora uma outra espécie de discurso, irmão legítimo dessa eloquência bastarda: vejamos como nasce e quanto ele é superior e mais poderoso que o outro.

FEDRO: - A que discurso te referes, e como nasce ele?

SÓCRATES: - Refiro-me ao discurso conscienciosamente escrito com a ciência da alma, ao discurso que é capaz de defender a si mesmo e que sabe diante de quem convém falar e diante de quem é preferível ficar calado.

FEDRO: - Estás falando no discurso vivo e animado do homem sábio, do qual todo discurso escrito poderia ser chamado com justiça um simulacro?

SÓCRATES: - Exatamente. Imagina que um agricultor inteligente possua sementes e lhes dê valor, e das quais queira obter frutos. Pensaria tal homem seriamente em plantar suas sementes durante o verão nos jardins de Adônis, e gostaria de vê-las desenvolvidas como plantas dentro de oito dias? Seria possível que o fizesse de bom grado, mas simplesmente a título de cerimônia religiosa, por ocasião das festas de Adônis. Quanto às sementes a que deseja dar um fim sério, porém, ele as plantará em solo apropriado, utilizando a sua técnica de agricultor e ficará contente se a seara lhe der frutos no oitavo mês.

FEDRO: - Mas é evidente, Sócrates; como dizes, esse homem faria uma coisa seriamente e a outra com intenções diversas.

SÓCRATES: - Ora, podemos nós dizer que quem possui o conhecimento do justo, do belo e do bom dará às suas sementes um uso menos judicioso do que o camponês?

FEDRO: - Não.

SÓCRATES: - Tu bem vês que aquele que conhece o justo, o bom e o verdadeiro não irá escrever na água essas cousas, nem usará um caniço para semear os seus discursos, pois eles se mostrarão incapazes de ensinar eficientemente a verdade.

FEDRO: - Provavelmente não fará isso.

SÓCRATES: - Claro que não. Naturalmente, semeará nos jardins literários apenas por passatempo. Se escrever, será na intenção de acumular para si mesmo um tesouro de recordações para a velhice, se chegar até lá; porque os velhos esquecem tudo. Escreverá também para os que caminham na mesma rua com ele, e se alegrará vendo crescer as tenras plantas. E enquanto outros se divertem em banquetes e prazeres semelhantes, esse homem se recreará com as coisas que mencionei.

FEDRO: - Mas, Sócrates, estás comparando com divertimentos vulgares a belíssima atividade de um homem que se deleita em escrever discursos sobre a justiça e as outras virtudes!

SÓCRATES: - É verdade, meu Fedro! Mas acho muito mais bela a discussão dessas coisas quando alguém semeia palavras de acordo com a arte dialética, depois de ter encontrado uma alma digna para recebê-las; quando esse alguém planta discursos que são frutos da razão, que são capazes de defender por si mesmos e ao seu cultivador, discursos que não são estéreis mas que contêm dentro de si sementes que produzem outras sementes em outras almas, permitindo assim que elas se tornem imortais. Aos que as levam consigo, tais sementes proporcionam a maior felicidade que é dado ao homem possuir.

FEDRO - Na verdade, isso é muito mais belo.

Resumo

SÓCRATES: - Já que nós concordamos nisto, caro Fedro, podemos agora decidir sobre o nosso assunto.

FEDRO: - Sobre o quê?

SÓCRATES: - Sobre o assunto que nos levou até a censura dirigida a Lísias em virtude de seus discursos escritos, o que por sua vez nos conduziu a classificar os discursos, distinguindo o que é artístico do que não o é. Pelo menos, parece, evidenciou-se suficientemente o que é artístico e o que não é.

FEDRO: - Com efeito. Mas não queres repetir tudo isso, em resumo?

SÓCRATES: - A análise que fizemos demonstrou o seguinte: não é possível fazer discursos artísticos naturais, quer se trate de ensinar ou de persuadir, posto que se não conheça a verdade sobre os objetos a respeito dos quais se fala ou se escreve, se não se estiver em condições de defini-los e de dividi-los em espécies e gêneros, se não se houver estudado a natureza da alma e determinado quais gêneros de discursos se adaptam às suas espécies; se não se tiver redigido e ordenado o discurso de tal modo que ofereça à alma complexa um discurso complexo e à alma simples um discurso simples.

FEDRO: - Tudo isso é evidente.

SÓCRATES: - E o pouco que dissemos forneceu a solução deste problema: é ou não conveniente pronunciar e escrever discursos, e em que condições um discurso é censurado com razão ou injustamente?

FEDRO: - Explica-te melhor.

SÓCRATES: - Imagina que Lísias ou qualquer outro indivíduo tenha escrito ou escreva um dia a respeito de um assunto privado ou público; que venha a escrever propostas legislativas, e que publique um livro político na convicção de possuir uma grande força lógica e convincente; isso mereceria censura. Porque ignorar, tanto no estado de vigília como em sonhos, o que é justo e o que não é, não saber distinguir o bom do mau, é coisa que não escapa a condenação, embora o povo inteiro louve semelhante homem.

FEDRO: - Naturalmente.

SÓCRATES: - Ora, o homem com o qual nós dois desejaríamos nos identificar, Fedro, pensaria do seguinte modo: um discurso escrito, não importa sobre qual assunto, contém forçosamente grande número de fantasias; nenhum discurso, pois, seja ele escrito em prosa ou em verso, merece que se envide grande esforço na sua composição. E isso também se aplica aos discursos escritos ou recitados à maneira dos rapsodos, sem exame nem instrução, simplesmente para efeito persuasivo. Os melhores discursos escritos são os que servem para reavivar as lembranças dos conhecedores; só as palavras pronunciadas com o fim de instruir, e que de fato se gravam na alma, sobre o que é justo, belo e bom, apenas nelas se encontra uma força eficaz, perfeita e divina a ponto de nelas empregarmos os nossos esforços; somente tais discursos merecem ser chamados filhos legítimos do orador, gerados por ele próprio, quando esse orador possui um gênio inventivo, e quando nas almas de outras pessoas eles engendram descendentes e irmãos que sejam dignos da família. Quanto aos demais discursos, podemos desprezá-los.

FEDRO: - Eu, pelo menos, assim o desejo.

SÓCRATES: - Bem, já nos divertimos o bastante com discursos. Vai ter com Lísias e dize-lhe que descemos à fonte e ao santuário das ninfas, e ali ouvimos admoestações que nos encarregaram desta tarefa: falar a Lísias e a qualquer outro homem que redija discursos; falar a Homero e a qualquer outro autor de poesias que se destinam ou não a ser cantadas; e, em terceiro lugar, falar a Sólon e a todos os que escreveram sobre assuntos políticos. Devemos dizer-lhes o seguinte: se eles estão certos de possuir a verdade e capazes de a defender, se podem com as suas palavras ir além dos seus escritos, não devem chamar-se retóricos, e que devem tomar a sua denominação da ciência que se dedicam.

FEDRO: - E que nome é esse que tu lhes queres dar?

SÓCRATES: - Chamá-los sábios, Fedro, me parece excessivo e só aplicável a um deus; mas o nome de filósofo ou um epíteto semelhante lhes caberia melhor e seria mais apropriado.

FEDRO: - E seria o nome que corresponderia à sua atividade.

SÓCRATES: - Aquele que não possui nada de valioso senão o que escreveu e passou largo tempo a rever, tirando uma coisa aqui e acrescentando outra acolá - a esse homem chamarás poeta, autor de discursos ou de propostas legislativas, não é verdade?

FEDRO: - Com efeito.

SÓCRATES: - Então dize isto ao teu amigo!

FEDRO: - E que farás tu? Também não podes esquecer o teu.

SÓCRATES: - A quem te referes?

FEDRO: - Falo do belo Isócrates. Que dirás a ele, Sócrates? Que nome lhe daremos?

SÓCRATES: - Isócrates ainda é moço, Fedro. Entretanto, farei o papel de adivinho e te direi o que prevejo a seu respeito.

FEDRO: - Ouçamos.

SÓCRATES: - Creio que ele, por sua natureza, seja apto a coisa melhor do que fazer discursos como os de Lísias. Também parece possuir uma mentalidade mais nobre. Não seria de admirar que Isócrates, com mais idade, viesse a distinguir-se pelos discursos em que agora se exercita, fazendo com que todos os retóricos pareçam crianças diante dele. Mas é possível que isso tampouco o satisfaça, e também não seria surpreendente se um impulso divino o guiasse para assunto mais elevado. Porque o espírito desse homem, meu amigo, é propenso à meditação filosófica. Em nome dos deuses que presidem a este lugar, direi isto ao meu amado Isócrates, e tu dize aquilo ao teu amante Lísias.

FEDRO: - Assim farei. Mas vamos embora, que o calor já não está tão forte.

SÓCRATES: - Não convém que façamos uma prece aos deuses daqui antes de nos retirarmos?

FEDRO: - sim, tens razão.

Epílogo. A prece do sábio

SÓCRATES: - Divino Pã - e vós deus outros destas paragens! Dai-me a beleza da alma, a beleza interior e fazei com que o meu exterior se harmonize com essa beleza espiritual. Que o sábio me pareça sempre rico; que eu tenha tanta riqueza quanto um homem sensato possa suportar e empregar! Teremos mais alguma coisa a desejar? Creio que pedi o suficiente.

FEDRO: - Pede para mim a mesma coisa, pois os amigos tudo devem ter em comum.

SÓCRATES: - Vamos, então!